



23 DE SETEMBRO DE 2015

Quarta-feira

- CRISE ECONÔMICA ATINGE EMPRESAS IMPORTADORAS DE BENS DE CAPITAL VOLTADAS À ÁREA AUTOMOTIVA
- SCANIA FAZ ACORDO COM REAJUSTE, ABONO E ESTABILIDADE ATÉ 2016
- PRODUÇÃO DE AÇO MUNDIAL CAI 3% EM AGOSTO, APONTA WORLDSTEEL
- DILMA MANTÉM 26 VETOS, MAS CONGRESSO NÃO ANALISA REAJUSTE DO JUDICIÁRIO
- ARTIGO: A PORTABILIDADE DAS CONTAS ELÉTRICAS
- ALTA DO DÓLAR E INCERTEZAS PRESSIONAM INFLAÇÃO E JUROS EM 2016
- EM REGIME DE URGÊNCIA, ALEP COMEÇA A VOTAR PACOTE DE RICHIA
- FRAUDE EM TESTES DE EMISSÃO DE POLUENTES AFETOU 11 MILHÕES DE VEÍCULOS DA VOLKS
- GERDAU LANÇA AÇO 20% MAIS RESISTENTE PARA MOTORES
- GERDAU MAIS PERTO DE AMPLIAR PRODUÇÃO
- BRASIL ESTÁ MELHOR QUE PAÍSES QUE PERDERAM GRAU DE INVESTIMENTO, DIZ MOODY'S
- ATIVIDADE INDUSTRIAL NA CHINA TEM PIOR NÍVEL EM 6,5 ANOS
- VALE DIZ QUE CORTARÁ CUSTO DE PRODUÇÃO DO MINÉRIO PARA MENOS DE US\$ 13 A TONELADA ATÉ 2018
- GOVERNO PUBLICA MP QUE ELEVA IR SOBRE GANHO DE CAPITAL
- RECESSÃO EVITA REPASSE IMEDIATO DA ALTA DO DÓLAR A PREÇOS
- GOVERNO ALEMÃO NEGA QUE SABIA DE FRAUDE NA VOLKSWAGEN
- FAMA DE METÓDICO DO CEO DA VW AGORA SE VOLTA CONTRA ELE
- SITE AJUDA PEQUENAS EMPRESAS A CONSEGUIREM CRÉDITO NA CRISE

- FORD E ALCOA DESENVOLVEM COMPONENTES DE LIGAS DE ALUMÍNIO MAIS RESISTENTES, MALEÁVEIS E LEVES
- BRASIL DEVE PASSAR A USAR MAIS FONTES DE ENERGIA POLUENTES, PREVÊ RELATÓRIO
- MULTINACIONAIS DEVEM TER OS PIORES RESULTADOS NO BRASIL EM MAIS DE UMA DÉCADA
- WALTER ENCERRA A PRODUÇÃO DE ESPECIAIS NO BRASIL
- HB20X É O PRÓXIMO HYUNDAI A CHEGAR
- KNORR-BREMSE COMPLETA 10 ANOS DE REMANUFATURA NO BRASIL
- TATA MOTORS ASSINA ACORDO GLOBAL COM A TOTAL LUBRIFICANTES
- INTERNATIONAL ENTREGA 51 CAMINHÕES PARA GRUPO MACO, DO CHILE
- PORSCHE PREPARA MODELO ELÉTRICO PARA DESAFIAR REINADO DA TESLA
- HOLANDA RECEBE PRIMEIROS VEÍCULOS SEM MOTORISTA QUE CIRCULARÃO NAS RUAS
- POR QUE É TÃO DIFÍCIL SER UM LÍDER LEAN
- PRESIDENTE DA CNI DEFENDE QUE CONGRESSO MANTENHA VETOS DE DILMA
- METALÚRGICOS PROTESTAM E PARAM EMPRESAS EM SOROCABA
- NÚMERO DE EMPRESAS INADIMPLENTES CRESCE 9,9% EM AGOSTO, MOSTRA SPC BRASIL
- CÂMBIO E ATIVIDADE TÊM INFLUÊNCIA DIRETA SOBRE SETOR EXTERNO, DIZ BC
- DÓLAR ALTO DEVE AFETAR PRODUÇÃO E INVESTIMENTOS, DIZ ECONOMISTA
- PROBLEMA DA VOLKS PODE SE REPETIR EM OUTRAS MARCAS
- ARTIGO: DIFICULDADES

CÂMBIO		
EM 23/09/2015		
	Compra	Venda
Dólar	4,129	4,130
Euro	4,601	4,603

Fonte: BACEN

Crise econômica atinge empresas importadoras de bens de capital voltadas à área automotiva

23/09/2015 – Fonte: CIMM

Dados da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex) apontam que as importações totais no Brasil somaram US\$ 12,8 bilhões no mês de agosto, o que representa uma baixa de 33,7% em comparação com o mesmo mês em 2014.

A crescente desvalorização cambial e a fraca atividade doméstica colaboraram para uma expressiva queda de 21,3% nas importações totais no acumulado do ano até agosto, que somaram US\$ 121,1 bilhões.

Principalmente por conta da redução das compras externas de máquinas e equipamentos de uso industrial e geral e de material e equipamentos elétricos, a queda na importação de bens de capital foi de 17,8% até agosto de 2015.

Para o diretor da filial brasileira da Junker, Dirk Huber, a atual crise política, além dos constantes escândalos de corrupção, são os responsáveis por este cenário. Seguindo a mesma linha, o diretor geral da japonesa Makino do Brasil, Carlos Eduardo Ibrahim, afirma que a maior parte desta retração se dá devido a uma crise de confiabilidade dos empresários brasileiros na política econômica de nosso governo.

"A falta de uma política clara de investimentos e liberação de linhas de crédito, por exemplo, fazem com que os empresários posterguem ao máximo seus investimentos", esclarece.

João Carlos Visetti, diretor-presidente da Trumpf do Brasil, diz que, semelhante à indústria nacional, os importados vêm sofrendo com a falta de demanda. "Do lado positivo, temos a liderança tecnológica e maior produtividade do que equipamentos fabricados por outras empresas; por outro lado, a incerteza e os juros altos fazem com que alguns clientes foquem no preço e não na relação custo-benefício, o *total cost of owner ship*", esclarece. Cerca de 95% dos produtos que a trazemos para o Brasil não têm similar nacional. Arrisco a dizer que 100%", diz Visetti.

Além de citar os mesmos problemas, o diretor técnico do Grupo Bener, Ricardo Lerner, comenta que a desindustrialização acentuada que o Brasil vem sofrendo nos últimos anos é fator fundamental que colabora com a baixa nas importações de máquinas, já que as empresas estão deixando de comprar.

Os números da queda

A subsidiária brasileira da Trumpf, que tem como clientes principais grandes montadoras de carro, entre elas Volkswagen, Ford e Fiat, fechou o ano fiscal em 30 de junho com uma queda de 30% em sua receita, sem perspectiva de melhora.

Toda essa retração está afetando diretamente as indústrias. Na Junker do Brasil houve uma redução de, aproximadamente, 35% nas importações no primeiro semestre de 2015 se comparado com o mesmo período do ano passado, segundo o diretor, Dirk Huber.

"Somos uma importadora de máquinas e equipamentos e, claro, estamos sofrendo com a queda", concorda o diretor do Grupo Bener, que teve uma queda de 45% nas importações no primeiro semestre de 2015 ante igual período de 2014. Para Lerner, o grande problema desta crise econômica "é que ela não oferece a menor perspectiva de melhora".

Na Makino do Brasil houve uma queda brusca na venda de máquinas *high tech* de valores mais altos, assim como também aponta dados da Receita Federal do setor. As máquinas

que ainda estão sendo importadas são de baixo valor agregado, ou seja, de média para baixa tecnologia.

Dados da Receita Federal mostram que o volume de vendas do segmento diminuiu muito neste primeiro semestre de 2015 (de 30% a 40%) e o resultado destas vendas baixas será mostrado nas importações do segundo semestre de 2015, que ainda não está disponível. Vale salientar que a maioria das máquinas que entraram neste primeiro semestre no Brasil foram adquiridas no segundo semestre de 2014.

Desemprego em alta

O Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos (Depecon) da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) divulgou uma pesquisa revelando que a indústria paulista deverá demitir cerca de 250 mil funcionários até o final de 2015, já levando em conta as 25 mil demissões em agosto. Só o setor de máquinas e equipamentos fechou 4.865 postos de trabalho entre julho e agosto.

Segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), as montadoras, que sofrem com a falta de vendas e pátios lotados, já cortaram mais de 11 mil empregos até agosto e mantêm 27 mil funcionários em férias coletivas ou em lay off.

Como os principais compradores das empresas citadas são montadoras, o setor de máquinas e ferramentas sofre com a queda nas vendas de máquinas, sendo também obrigadas a demitir. Ricardo Lerner, da Bener explica que já sentia a chegada da crise desde meados de 2013. "De lá para cá tivemos uma redução de mais de 50% de nosso pessoal".

Demitir ajuda a diminuir gastos, mas, para Dirk Huber, da Junker do Brasil, não é uma boa solução, pois se pode perder colaboradores altamente qualificados, cujo treinamento foi dispendioso para a empresa. As vendas para o setor automotivo representam 80% dos negócios da Junker.

Carlos Eduardo Ibrahim, da Makino do Brasil, que fornece centro de usinagens horizontais para indústria de autopeças e estas empresas distribuem seus produtos diretamente às montadoras, esclarece que o setor automobilístico representava cerca de 60% a 70% das vendas de máquinas e equipamentos no Brasil. Hoje, este número está em cerca de 30%.

Segundo o executivo da Makino, quando se fala de importadores que são filiais de grandes empresas internacionais, entre elas americana, alemã, japonesa etc., este índice é aceitável, mas quando se trata de importadores independentes, ou seja, empresas nacionais que representam empresas internacionais, muitas delas estão em sérias dificuldades financeiras.

Driblando problemas

As empresas estão procurando opções alternativas para driblar as dificuldades. A Junker tenta aquecer as vendas na procura de novas aplicações e mercados. Já a Makino do Brasil segue segurando investimentos desnecessários, reduzindo custos e focando em negócios de curto prazo.

A Bener investe em uma ampla de produtos que possibilite acessar o maior número de segmentos, ao mesmo tempo em que mantém austeridade com gastos e custos da empresa.

Para Visetti, da Trumpf, os impostos no Brasil tornam a situação ainda mais grave. O executivo esclarece que esse é o ponto mais complicado, pois variam de Estado para Estado e também entre segmentos industriais (ICMS), demandando tempo e recursos da empresa. "Fora isso, todo o processo de importação é burocrático.

O tempo de liberação de uma peça ou máquina é completamente imprevisível". De acordo com ele, esses fatores dificultam o acesso da indústria nacional à tecnologia de ponta, que precisa melhorar em muito sua produtividade e competitividade.

Apesar da crise, os empresários permanecem esperançosos, mas não enxergam grandes mudanças para 2016. "O grande problema dessa crise econômica é que ela não nos dá perspectivas de melhora", afirma Lerner, da Bener.

"Para que essa situação melhore, deveria haver ações governamentais para que o povo e o empresariado brasileiro possam ter novamente confiança no governo no tocante à estabilidade financeira e política", avalia Dirk Huber, diretor da Junker do Brasil.

Scania faz acordo com reajuste, abono e estabilidade até 2016

23/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

Os trabalhadores da Scania, fabricante de ônibus e caminhões de São Bernardo do Campo (SP), aprovaram acordo salarial nesta terça-feira (22) que prevê 5% de reajuste em setembro, abono em janeiro e garantia no emprego até agosto de 2016.

Empresa e Sindicato dos Metalúrgicos do ABC informaram que o acordo beneficia os 3.200 funcionários da fábrica - 2.000 deles trabalham na produção. Como a empresa pretendia reduzir a produção a partir de janeiro, o acordo evitou a possível dispensa de 450 empregados que se tornariam excedentes nessa unidade.

Nos dois anos anteriores, os funcionários da Scania receberam repasse integral da inflação mais 2% de aumento real na campanha salarial.

Neste ano, com o cenário de queda nas vendas e na produção, o sindicato negociou reajuste de 5% em setembro, data-base da categoria, e uma composição para completar o restante da inflação.

Essa composição inclui pagamento de um abono de R\$ 6.000 em janeiro e a antecipação, para abril, do pagamento da primeira parcela do 13.º salário do ano que vem. A participação nos lucros e resultados também será antecipada para junho, segundo o sindicato.

EXCEDENTE

"Durante toda a negociação, a empresa argumentava já trabalhar com um cenário de nova queda na produção para o primeiro trimestre de 2016. Isso geraria um excedente, que ela pretendia demitir", disse Carlos Caramelo, diretor do sindicato e um dos coordenadores do comitê sindical na Scania.

"A negociação garantiu os empregos para o próximo ano e descartou a terceirização dos setores de segurança e alimentação, que estava na pauta da empresa", completou.

A Scania também ressaltou que, se houver agravamento da crise econômica, as duas partes podem voltar a negociar outras medidas.

A montadora é a única da região do ABC que não negociou redução salarial e da jornada e adesão ao PPE (Programa de Proteção ao Emprego). As demais fabricantes de veículos - Mercedes-Benz, Volkswagen e Ford- fecharam acordo com o sindicato que prevê essas medidas.

Veja as empresas que aderiram ao PPE

VOLKSWAGEN

11,6 mil funcionários entraram no plano

MERCEDES-BENZ:

10 mil

FORD

Cerca de 4.000

CATERPILLAR

1.498

RASSINI NHK AUTOPEÇAS

550

PRENSAS SCHULER

456

GRAMMER DO BRASIL

451

TRICOL

114

Produção de aço mundial cai 3% em agosto, aponta Worldsteel

23/09/2015 – Fonte: Valor Econômico

A produção de aço bruto ao redor do mundo caiu 3% em agosto, quando comparada com o mesmo mês do ano passado, informou a Worldsteel Association.

A entidade, que reúne dados dos 65 países mais relevantes na siderurgia global, revelou que foram fabricadas 132,3 milhões de toneladas no período. Ante julho, a queda foi de 0,5%.

Na China, maior produtora internacional, a baixa na comparação anual foi de 3,5%, para 66,9 milhões de toneladas. De julho para agosto, entretanto, o volume fabricado cresceu 1,7%. A representatividade do país no total mundial subiu de 49,5% para 50,6%, de um mês para outro.

A Worldsteel também mostrou que, nos Estados Unidos, houve queda de 9,7% na produção em agosto, ante igual período de 2014, para 7 milhões de toneladas. Em um mês, esse recuo foi de 0,5%.

Na União Europeia, foram observados estabilidade — leve alta de 0,1% — e queda de 13,1%, respectivamente, para 12,2 milhões de toneladas.

O levantamento da associação ainda aponta para leve redução na relevância da siderurgia brasileira em termos globais. A produção de 2,8 milhões de toneladas no oitavo mês de 2015, apurada pelo Instituto Aço Brasil, representou 2,1% do total fabricado no mundo, contra 2,2% em julho.

Em comparação anual, o volume fabricado na Rússia foi reduzido em 3,2%, para 6 milhões de toneladas, em agosto. Na Turquia, o corte foi de 11,8%, para 2,6 milhões de toneladas, e no Japão, de 5,8%, para 8,8 milhões de toneladas.

As diminuições da oferta do aço no mundo são resultado tanto dos menores preços globais como de ociosidade nas usinas.

O uso de capacidade internacional foi de 68,4% em julho para 68% no mês passado, informou a Worldsteel. Em agosto de 2014, o índice era de 74,2%.

Os dados ainda apontam para redução de 2,3% na produção de aço bruto de janeiro a agosto, frente ao mesmo período do ano passado. O volume total foi de 1,1 bilhão de toneladas e representou a primeira queda para esses meses desde 2009, no pós-crise.

Dilma mantém 26 vetos, mas Congresso não analisa reajuste do Judiciário

23/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

Após mais de cinco horas de sessão, o Congresso encerrou a apreciação dos vetos presidenciais na madrugada desta quarta-feira (23) sem votar um dos mais importantes para o governo: o do reajuste do Judiciário.

A proposta de um aumento de até 78% dos funcionários do Judiciário pode ter o impacto de R\$ 36,2 bilhões nas contas públicas até 2019. A sessão foi interrompida por falta de quórum e não há prazo definido para que a votação seja retomada.

O governo conseguiu manter 26 dos 32 vetos presidenciais em sessão do Congresso que se estendeu pela madrugada. A principal vitória foi a manutenção do veto que tratava da flexibilização do fator previdenciário. Caso a adoção da regra 85/95 anos para o cálculo da aposentadoria fosse usada como alternativa ao cálculo do fator previdenciário haveria um impacto de R\$ 135 bilhões para as contas do governo até 2035.

Resposta ao mercado

Na tentativa de aplacar o mercado no dia em que a agência de risco Fitch reuniu-se com a equipe econômica e o dólar atingiu o recorde histórico de R\$ 4,05, o Palácio do Planalto decidiu mudar a estratégia e deflagrou uma operação para manter todos os 32 vetos presidenciais da pauta do Congresso Nacional.

O governo, que queria inicialmente adiar mais uma vez a sessão, preferiu ir para a votação, ofereceu cinco ministérios ao PMDB e até pediu apoio do PSDB para não derrubar os vetos. E, após uma sessão com mais de 5 horas de duração, a ação deu parcialmente certa.

O Palácio do Planalto temia que a aprovação das pautas-bomba dos vetos comprometesse o esforço de atingir a meta de superávit primário de 2016 de 0,7% do PIB. Com a manutenção dos vetos, o governo evitou um aumento das despesas públicas de pelo menos R\$ 127,8 bilhões até 2019 e tenta passar um recado ao mercado de austeridade, mesmo após ter perdido o selo de bom pagador concedido pela agência Standard & Poor's e ter enviado inicialmente ao Congresso um orçamento deficitário para o próximo ano em R\$ 30,5 bilhões.

O maior receio do governo era com a derrubada do veto da presidente Dilma Rousseff ao reajuste de até 78% aos servidores do Poder Judiciário. Até o fim da sessão, funcionários de carreira fizeram buzinaços do lado de fora do Congresso. Os protestos começaram durante o dia com servidores abordando parlamentares, fazendo "corredores-poloneses", para lhes cobrar o apoio.

A presidente Dilma e seus principais ministros envolveram-se pessoalmente nas negociações. Dilma conversou com os presidentes da Câmara, os peemedebistas Eduardo Cunha (RJ), e do Senado, Renan Calheiros (AL), e líderes partidários das duas Casas.

Embora Cunha, Renan e o vice Michel Temer, que é presidente do PMDB, tenham dito que não iriam indicar nomes para a reforma ministerial, a bancada peemedebista da Câmara deve ficar com a Saúde e outro para uma pasta da área de infraestrutura, a do Senado dois ministros e o quinto ministro, um nome de consenso entre as bancadas das duas Casas.

Grécia

“O Brasil não pode evoluir para virar uma Grécia”, disse o líder do PMDB no Senado, Eunício Oliveira (CE). “O governo dá uma demonstração que está rearrumando a Casa e dá mais solidez ao cenário político”, disse o líder do PMDB na Câmara, Leonardo Picciani (RJ).

Os ministros Aloizio Mercadante (Casa Civil), José Eduardo Cardozo (Justiça), Ricardo Berzoini (Comunicações), Edinho Silva (Comunicação Social) e o assessor especial Giles Azevedo fizeram a contagem dos votos necessários no Congresso, na tentativa de desarmar a pauta-bomba.

Para derrubar qualquer um dos 32 vetos da pauta eram necessários o voto de pelo menos 257 deputados e 41 senadores conjuntamente. O governo centrou inicialmente esforços no Senado, Casa em que avaliava ter votos para manter os vetos, mas conseguiu um apoio também da Câmara. O corpo-a-corpo do governo entre os deputados ajudou nessa virada.

Cardozo procurou o senador tucano Aloysio Nunes Ferreira (SP) para pedir uma conversa com a bancada do partido a fim de evitar votos a favor da pauta-bomba. O tucano declinou do convite, mas indicou que senadores do partido seriam favoráveis à manutenção dos vetos, o que de fato ocorreu como no caso do reajuste do Judiciário.

O líder do PSDB no Senado, Cássio Cunha Lima (PB), liberou a bancada para apreciar essa última proposta. O partido avaliou reservadamente não ser possível derrubar os vetos porque, se eventualmente vier a assumir o Palácio do Planalto, pegaria o País numa situação mais delicada.

PMDB já discute quando deixar o governo federal

Apesar de ter “acalmado” o PMDB com a oferta de cinco ministérios, a presidente Dilma Rousseff ainda terá uma relação tensa com o principal partido aliado. Na mesma reunião em que decidiu aceitar a oferta da presidente, a bancada peemedebista na Câmara dos Deputados chegou a discutir a proposta de abandonar a base aliada, que não foi aceita.

Apesar disso, há consenso na cúpula peemedebista sobre a fragilidade de Dilma. E uma parcela expressiva dos peemedebistas acha que a deterioração do cenário econômico nos próximos meses aumentará a insatisfação da população com o desempenho da presidente e não veem possibilidade de reação que tire Dilma das cordas. Segundo o Datafolha, a presidente tinha apenas 8% de aprovação em agosto.

Nas palavras de um líder do partido ouvido pela reportagem, o PMDB não deve “enforçar o governo”, mas “deixará a corda solta para que este mesmo o faça”. Além disso, o vice-presidente Michel Temer (PMDB) é visto como o possível sucessor de Dilma no caso de um impeachment.

Artigo: A portabilidade das contas elétricas

23/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

Tramita na Câmara um projeto de lei dos deputados Marcelo Squassoni e Mendes Thame que propõe a extensão do direito de escolha do seu fornecedor para todos os usuários de energia elétrica. Atualmente, somente um pequeno grupo de usuários de energia usufrui desse benefício.

Apesar de ter sido prevista a extensão progressiva desse benefício a todos os usuários na reforma do mercado elétrico, esse processo foi estancado no início da década passada. Para justificar essa mudança, argumentou-se que a liberdade de escolha colocaria em

risco o abastecimento energético do país e, por extensão, provocaria aumentos tarifários desnecessários.

As escolhas da burocracia colocaram o país sob o risco permanente de racionamento de energia elétrica

A alternativa adotada foi permitir a liberdade de escolha apenas para os grandes consumidores e delegar à burocracia setorial a escolha dos fornecedores de energia para a imensa maioria dos consumidores.

Desde então, essa burocracia planeja a construção de novas centrais geradoras de energia, conduz os leilões que definem os preços que serão praticados pelas centrais e determina o ritmo de esgotamento dos reservatórios hidrelétricos, fator decisivo na fixação das tarifas elétricas. A hipótese que sustenta essa solução é que a burocracia é capaz de fazer melhores escolhas que os consumidores.

Passados mais de dez anos da adoção dessa alternativa, são abundantes as evidências de que as escolhas feitas pela burocracia não são adequadas. Ironicamente, as escolhas da burocracia colocaram o país sob o risco permanente de racionamento de energia elétrica, e as tarifas elétricas não pararam de crescer em ritmo acima da inflação.

Os burocratas responsabilizam São Pedro por essa situação e, sem qualquer constrangimento, repassam os custos de suas escolhas equivocadas para nós, consumidores.

A portabilidade das contas elétricas permitirá recolocar os consumidores no centro das decisões do sistema elétrico. Ao dar aos consumidores a possibilidade de migrar dos fornecedores que lhes oferecem tarifas elevadas para outros que pratiquem tarifas amenas, a portabilidade induzirá a redução tarifária.

Muito importante, ela dará transparência ao processo de esgotamento dos reservatórios hidrelétricos, evitando que o uso da energia neles acumulada para atender objetivos ditados por interesses políticos conjunturais redunde em aumentos tarifários indevidos.

Na prática, a portabilidade das contas de energia provocará a progressiva redução das tarifas elétricas para níveis competitivos, como ocorre em todos os mercados em que o consumidor é soberano.

É importante frisar que esse resultado não é uma possibilidade teórica. A portabilidade da conta elétrica já foi introduzida em muitos países, inclusive latino-americanos, resultando em trajetórias de tarifas cadentes, com substanciais melhorias na qualidade dos serviços prestados pelas concessionárias (menores interrupções de fornecimento, por exemplo).

No Brasil, o sistema de telefonia ilustra de forma incontestável os benefícios que a liberdade de escolha traz para os consumidores.

Uma enquete recente conduzida pela Associação dos Comercializadores de Energia Elétrica (Abraceel) constatou que 77% dos consumidores querem ter liberdade para escolher seu fornecedor de energia elétrica.

No entanto, a burocracia setorial é contrária a essa medida com um surrado argumento: os brasileiros não estão preparados para realizar boas escolhas. A verdadeira motivação é, no entanto, a certeza de que a portabilidade das tarifas elétricas reduzirá drasticamente o seu poder discricionário sobre o comportamento do mercado elétrico.

(Adilson de Oliveira é professor do Instituto de Economia e membro do Conselho Curador da UFRJ).

Alta do dólar e incertezas pressionam inflação e juros em 2016

23/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

A economia brasileira sofre sua maior retração em 25 anos e a taxa básica de juros é a mais alta em quase uma década, mas nem assim as expectativas para a inflação param de piorar.

O principal combustível para a projeção de um avanço mais forte dos preços em 2016 é a escalada da taxa de câmbio, que ganhou nova dimensão nesta terça-feira (22), quando o dólar comercial superou a marca de R\$ 4 pela primeira vez.

A cotação do câmbio reflete as incertezas que têm mexido com o mercado. Está tudo ali: dos fatores externos, em especial o temor de que os Estados Unidos elevem sua taxa de juros ainda neste ano, às questões domésticas.

Que não são poucas: a possibilidade de novos rebaixamentos na nota de crédito do país; o crescente déficit das contas públicas; as especulações sobre uma troca de comando no Ministério da Fazenda; o impasse nas relações com o Congresso; e até as dúvidas sobre a duração do governo Dilma.

Disparada

Com o dólar em alta e a queda na renda dos trabalhadores, os gastos dos brasileiros com viagens internacionais caíram 46% em agosto deste ano em relação ao mesmo mês de 2014.

O número registrado pelo Banco Central ficou em US\$ 1,3 bilhão. Nos oito primeiros meses de 2015, a queda foi de 25%, para US\$ 12,9 bilhões. Em um ano, a moeda americana subiu quase 70% em relação ao real.

Embora a alta do dólar possa pressionar os preços ainda neste ano, a inflação de 2015 já não interessa ao mercado. É dado como certo que o IPCA ficará acima de 9% e que a Selic permanecerá em 14,25% ao ano até dezembro.

O que importa, agora, são os próximos anos. E as expectativas para 2016 e 2017, que por um breve momento abrandaram, estão novamente “desancoradas”, conforme o jargão da política monetária. Com isso, a esperada queda dos juros em 2016 começa a ficar ameaçada.

Entre maio e julho deste ano, as projeções para a inflação de 2016 compiladas pelo boletim Focus, do Banco Central, recuaram gradualmente até 5,4%.

Mas voltaram a subir e, após sete altas seguidas, chegaram a 5,7% na semana passada. As estimativas para 2017, que no mês passado eram de 4,55%, agora estão em 4,74%. Na opinião do mercado, o IPCA só volta à meta de 4,5% em 2018.

Bancos e consultorias erram com frequência tais previsões, mas elas não deixam de ser importantes, pois as expectativas acabam influenciando a direção dos preços.

“Enquanto o cenário político não se resolver, o estresse continuará e as perspectivas de inflação só tendem a piorar”, diz Márcio Cardoso, sócio-diretor da corretora Easynvest.

Marcio Milan, analista da Tendências Consultoria, também vê na política uma questão-chave. “Uma vez que não há nenhuma perspectiva de se acomodar todo esse barulho, é muito provável que continuemos observando piora nas expectativas inflacionárias”, avalia.

Dólar fecha acima de R\$ 4 pela 1ª vez

Dúvidas sobre a aprovação de medidas fiscais necessárias para evitar que o Brasil tenha sua nota de crédito cortada por agências de classificação de risco e a preocupação com a crise global fizeram o dólar romper nesta terça-feira (22) a barreira dos R\$ 4, para seu maior valor histórico.

O dólar à vista, referência no mercado financeiro, fechou com valorização de R\$ 1,58%, para R\$ 4,054 na venda. Já o dólar comercial, utilizado em transações de comércio exterior, avançou 1,80%, também para R\$ 4,054.

É o maior valor histórico de ambas as cotações. Na máxima dessa terça-feira, o dólar à vista chegou a atingir R\$ 4,063, e o dólar comercial, R\$ 4,068.

É preciso considerar, no entanto, que o cenário econômico entre 1994, quando o Plano Real foi criado, e 2015 mudou drasticamente. O valor de R\$ 4 naquela época, por exemplo, hoje valeria cerca de R\$ 12,75, após correção inflacionária.

Impacto

A alta do dólar tende a pressionar a inflação, já que encarece os produtos importados. O IBGE divulgou nesta terça-feira que o IPCA-15 (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo-15) desacelerou para 0,39% em setembro.

O índice é considerado uma espécie de prévia da inflação oficial. No ano, porém, a inflação acumula avanço de 7,78% – o mais elevado para o período desde 2003 (8,46%). Este cenário tem feito com que os investidores apostem em juros mais elevados nos próximos anos, também pela expectativa de que o Brasil terá de pagar taxas maiores para atrair investidores estrangeiros dispostos a bancar o risco de investir num país pouco confiável na avaliação das agências de risco.

Previsão para a taxa básica de juros voltou a subir

Hoje parece pouco provável que o Banco Central reforce a dose dos juros para conter a inflação. Mas pode ser que a Selic não baixe tanto quanto se esperava em 2016.

O mercado chegou a prever que a taxa cairia abaixo de 12% até o fim do ano que vem, mas na semana passada a expectativa média subiu para 12,25%. Muitos economistas veem o recuo dos juros como determinante para um início de recuperação da economia.

“O adiamento da queda dos juros é um risco que começa a se desenhar. Mas, por enquanto, ainda esperamos que o Banco Central comece a reduzi-los em junho, chegando a 12% no fim de 2016”, diz Marcio Milan, da Tendências.

“O lado real da economia sente de forma intensa esse ajuste que vem ocorrendo, e isso em alguma magnitude tem que bater na inflação. Além disso, o choque de preços administrados deste ano deve se dissipar em 2016.”

Receita antiga

O PT e economistas desenvolvimentistas querem que o governo mude o rumo da economia. Uma das sugestões é a baixar rapidamente os juros, para estimular a atividade econômica – mais ou menos como o governo fez em 2012, sem muito sucesso.

“Baixar os juros agora é dar combustível para inflação. Por outro lado, no quadro atual é pouco provável que isso estimule as empresas a investir, ou motive um trabalhador com medo de desemprego a contrair dívidas”, diz Márcio Cardoso, da Easynvest.

EXPECTATIVAS DESANCORADAS

As expectativas para a inflação dos próximos anos chegaram a recuar nos últimos dois meses, mas voltaram a subir com a forte alta do dólar. É o mercado, que já chegou a prever uma queda da taxa Selic para menos de 12% em 2016, começa a achar que o juro não cairá tanto assim.

PROJEÇÕES DO MERCADO FINANCEIRO

(medianas), segundo o Boletim Focus

— 2015 — 2016 — 2017

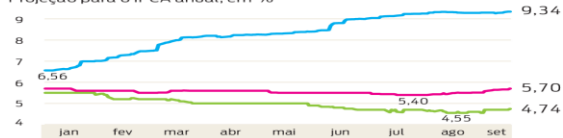
TAXA DE CÂMBIO

Projeção para o dólar, em R\$, no fim do ano



INFLAÇÃO

Projeção para o IPCA anual, em %



TAXA DE JUROS

Projeção para a taxa Selic, em % ao ano, no fim do ano



Fonte: Redação. Infografia: Gazeta do Povo.

Em regime de urgência, Alep começa a votar pacote de Richa

23/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

A Assembleia Legislativa do Paraná (Alep) começa a votar nesta quarta-feira (23), em plenário, o “pacote anticrise” do governo do estado. Com a retirada do texto da majoração da alíquota máxima do imposto sobre heranças e doações para 8%, a base governista deve aprovar a matéria, em definitivo, até a semana que vem. A proposta do ITCMD tramitará separadamente e será tema de uma audiência pública nesta quarta.

Lançado no dia 3 de setembro com medidas para driblar a crise econômica, o pacote foi construído basicamente para engordar os cofres do estado, que, até agosto, já registrava um superávit de R\$ 2 bilhões. Numa delas, o Executivo deixará de dividir com prefeituras e demais poderes do estado R\$ 400 milhões anuais, frutos da entrada de ICMS no caixa, para destinar ao fundo de combate da pobreza.

Outra medida incluirá na cobrança do mesmo imposto operações de contribuintes nas quais o tributo é recolhido apenas no estado de origem. Hoje, se um paranaense faz uma compra por internet ou telefone de uma empresa sediada em São Paulo, por exemplo, o ICMS é pago integralmente ao estado vizinho.

Com o projeto, a diferença entre o percentual das alíquotas cobradas em cada estado deverá ser recolhida pela loja à Receita do Paraná, e, inevitavelmente, o custo deverá ser repassado ao consumidor, com majoração do preço dos produtos.

Além disso, se a empresa não recolher a diferença, o consumidor é quem terá de pagar o imposto.

O texto prevê ainda que o governo manterá para si o dinheiro obtido com a venda da gestão da folha dos inativos do estado a um banco. A última venda da folha, de 2010, foi para a Caixa Econômica.

O valor de R\$ 90 milhões foi revertido à Paranaprevidência – o que não vai acontecer com o novo projeto.

Fraude em testes de emissão de poluentes afetou 11 milhões de veículos da Volks

23/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo



A Volkswagen disse nesta terça-feira (22) que o escândalo sobre fraudes nos testes de emissões de poluentes de veículos da marca nos Estados Unidos pode ter afetado 11 milhões de carros no mundo todo. Enquanto isso, as investigações sobre seus modelos a diesel se multiplicam, pressionando ainda mais o presidente-executivo Martin Winterkorn.

A companhia afirmou que provisionará 6,5 bilhões de euros de seu resultado do terceiro trimestre para ajudar a cobrir os custos do maior escândalo em seus 78 anos de história, abrindo um buraco nas estimativas de lucros dos analistas.

A empresa também alertou que o montante pode crescer, dizendo que os carros a diesel com os motores Type EA 189 colocados em cerca de 11 milhões de modelos da Volkswagen ao redor do mundo mostraram um “desvio notável” nos níveis de emissões de poluentes entre os testes e o uso nas ruas – resultado de um software usado para mascarar os níveis de gases.

A crise gerou polêmica na Alemanha, com a chanceler Angela Merkel pedindo “transparência completa” da companhia, vista por muito tempo como um símbolo da excelência em engenharia do país.

A previsão era que Winterkorn tivesse seu contrato prorrogado em uma reunião do Conselho da empresa na sexta-feira (25), mas agora há dúvidas sobre se ele sabia que a empresa fazia uso do software que enganava os reguladores norte-americanos na medição de emissões de poluentes de alguns de seus carros a diesel.

Winterkorn não fala sobre seu futuro em uma mensagem de vídeo publicada no site da empresa, na qual ele repetiu suas desculpas pelo escândalo, que envolve um quinto dos veículos leves produzidos pela Volkswagen no mundo todo desde 2009, de acordo com a consultoria da indústria automotiva LMC Automotive.

Multas

A Agência de Proteção Ambiental dos EUA (EPA, na sigla em inglês) disse que a Volkswagen pode enfrentar multas de mais de US\$ 18 bilhões por trapacear nos testes de emissões. A montadora também enfrenta ações judiciais e danos à sua reputação que podem atingir as vendas. Segundo reportagens divulgadas na imprensa, o Departamento de Justiça dos EUA abriu um inquérito criminal sobre o assunto.

Além disso, procuradores gerais de Nova York e de outros estados estão formando um grupo para investigar o escândalo, disse o procurador-geral de Nova York, Eric Schneiderman. “Nenhuma empresa deveria poder descumprir nossas leis ambientais”, afirmou o procurador.

Nesta terça, as ações da Volkswagen despencaram mais de 20%, para uma mínima de quatro anos. As quedas das ações preferenciais e ordinárias varreram mais de US\$ 30 bilhões do valor de mercado da companhia.

O professor e a ONG na origem do escândalo da Volkswagen

Testes foram feitos entre 2013 e 2014 em três carros a diesel, dois da Volks e um da BMW

Um dos maiores escândalos recentes no setor automobilístico foi descoberto em laboratórios universitários de Morgantown, uma cidade de apenas 30 mil habitantes de West Virginia.

Ainda era 2013, quando testes feitos em estradas da Europa com veículos Volkswagen mostravam que os carros lançavam uma enorme quantidade de gases poluentes. Mas, quando os mesmos carros eram submetidos a experiências no laboratório, eles iam muito bem. A discrepância deu a Peter Mock, representante europeu de uma pequena ONG a favor do transporte limpo, uma ideia: os testes seriam replicados nos Estados Unidos, onde as normas de emissão de gases são mais elevadas.

Sem instalações para realizar a investigação por conta própria, a ONG — com atuação em Estados Unidos, Europa, China, Índia e América Latina — encomendou a um grupo de especialistas uma série de testes em três veículos a diesel, incluindo dois modelos da fabricante alemã, o Jetta e o Passat, e um da BMW, o X5.

O Centro de Combustíveis Alternativos, Motores e Emissões da Universidade de Virginia, encabeçado pelo professor Gregory Thompson, tinha exatamente o que era preciso: um sistema portátil de medição de emissões acoplado ao porta-malas do carro e ligado a uma sonda no tubo de escape.

Os resultados publicados num relatório em maio do ano passado foram alarmantes: em condições reais, as emissões de óxido de nitrogênio (NOx) pelo Jetta eram de 15 a 35 vezes maiores do que os padrões americanos, e de 5 a 20 vezes mais elevados para o Passat. Somente o X5, da BMW, estava abaixo dos limites regulatórios. Enquanto isso, testes conduzidos simultaneamente no laboratório da Agência de Proteção do Ar Californiano (Carb, na sigla em inglês) não apontaram qualquer falha.

Os responsáveis pediram, então, explicações às autoridades americanas sobre a disparidade entre os dados da pesquisa e os resultados publicados pela Volks. Foi assim que, naquele mesmo ano, a Agência de Proteção Ambiental dos EUA e o Carb decidiram iniciar sua própria investigação, descobrindo o software capaz de limitar a emissão dos gases durante testes.

Gerdau lança aço 20% mais resistente para motores

23/09/2015 – Fonte: Automotive Business

A Gerdau começa a vender aço 20% mais resistente ao calor e a pressão. A principal aplicação indicada para a novidade é em pistões de motores a diesel, que são expostos a altas temperaturas. A companhia aponta que o material tem elevado teor de sílico, por isso pode ser submetido a pressão e a ambientes com até 600 graus Celsius.

Segundo a fabricante, o novo aço permite que os motores alcancem temperaturas mais elevadas com maior resistência e redução de 10 a 20 vezes na geração de óxido de ferro. A Gerdau aponta que o metal pode ser facilmente fundido ou soldado.

O produto está à venda no Brasil, Europa e América do Norte. O desenvolvimento do novo

ação recebeu investimento de R\$ 1 milhão. O projeto foi conduzido no centro de desenvolvimento da companhia na Espanha.

Gerdau mais perto de ampliar produção

23/09/2015 – Fonte: Diário do Comércio

O grupo gaúcho Gerdau está muito perto de confirmar a ampliação da produção de minério de ferro em Minas. A licença de operação (LO) para aumentar a produção na mina Várzea do Lopes, em Itabirito (região Central), será julgada na próxima terça-feira pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad), e já tem parecer favorável. Com isso, a capacidade de produção passará das atuais 6 milhões de toneladas/ano para 13 milhões de toneladas anuais.

De acordo com relatório do órgão ambiental, apesar da grande ampliação, as demais estruturas e instalações operacionais de apoio à atividade de lavra não passarão por expansão. Mesmo assim, a Semad impôs 24 condicionantes ao licenciamento ambiental, sendo que a maior parte delas está em cumprimento ou já foi atendida pela Gerdau.

Por outro lado, o aumento do ritmo de trabalho no ativo vai afetar a vida útil da jazida, que cairá de 14 anos para oito anos. Mesmo assim, o número de trabalhadores próprios na unidade será mantido, mesmo com o aumento da produção. No entanto, 200 funcionários terceirizados deverão ser contratados, conforme informado anteriormente pela siderúrgica.

Ainda de acordo com o relatório do órgão ambiental, o beneficiamento do minério extraído em Várzea do Lopes será feito na própria planta de beneficiamento do complexo, com capacidade para 1,5 milhão de toneladas por ano.

Outra parte do minério será transportado por rodovia até as unidades de beneficiamento da empresa em Miguel Burnier (região Central), com capacidade para processar 6 milhões de toneladas anuais, e para duas plantas na usina de Ouro Branco (Campo das Vertentes), com capacidade para 4 milhões de toneladas anuais, cada uma.

No primeiro semestre deste ano, a Gerdau registrou queda de 36% no seu lucro líquido quando comparado ao montante apurado nos mesmos meses de 2014, e o resultado atingiu R\$ 532 milhões contra R\$ 833 milhões anteriormente. Na mesma base de comparação, o Ebitda recuou 3,9%, enquanto a receita líquida aumentou 1%, somando R\$ 21,206 bilhões, ante R\$ 20,997 bilhões no mesmo intervalo do ano passado.

No acumulado até junho, a siderúrgica gaúcha investiu R\$ 1,26 bilhão, o que corresponde a 66,3% do total programado para este exercício, que é de R\$ 1,9 bilhão. Entre os aportes destacam-se a instalação do laminador de chapas grossas em Ouro Branco; a continuidade da construção da aciaria na Argentina; e a entrada em operação da coqueria e da unidade de geração de energia na Índia.

Em meio ao cenário considerado "desafiador" para o setor, o grupo gaúcho vem reduzindo o volume de investimentos nos últimos anos. O total aportado em 2014 (R\$ 2,3 bilhões), por exemplo, é 11,5% menor do que o realizado em 2013 (R\$ 2,6 bilhões). O montante previsto para este exercício, também é menor (17,4%) ante 2014.

Em razão da atual situação do mercado global, a Gerdau reitera que o ritmo de execução dos investimentos em mineração está sendo revisado. A companhia informa ainda que a ampliação da licença de operação da mina de Várzea do Lopes, de um ritmo de 6 milhões de toneladas/ano para 13 milhões de toneladas anuais, não implica na produção do volume total licenciado.

Brasil está melhor que países que perderam grau de investimento, diz Moody's

23/09/2015 – Fonte: O Globo



O Brasil ainda está em condição melhor do que países que perderam o selo de bom pagador, apesar da forte deterioração da economia, disse o analista da Moody's Investors Service Mauro Leos nesta terça-feira.

Leos disse, em um evento em Nova York, que a Moody's espera que a recessão no país se prolongue até o próximo ano, elevando a dívida do país a cerca de 70% do Produto Interno Bruto (PIB).

Após 2017, no entanto, "existe uma chance" de o Brasil se estabilizar com crescimento de cerca de 2% e superávit primário em torno de 2% do PIB, disse ele na conferência organizada pelo Conselho das Américas.

Isso poderia marcar o surgimento de um "Brasil diferente, esperançosamente um Brasil mais estável, mesmo com crescimento menor", disse Leos.

Seus comentários vêm duas semanas depois após a Standard & Poor's rebaixar o Brasil e retirar seu grau de investimento, pondo os investidores em alerta para um segundo movimento, potencialmente mais danoso, de outra agência.

A perspectiva de Leos sugeriu que a Moody's poderia manter a classificação de grau de investimento do país se a presidente Dilma Rousseff estabilizar com sucesso as finanças públicas e retirar a economia da recessão no próximo ano.

— Nós estamos tentando reagir (à crise do Brasil) sem exagerar — disse Leos.

Um segundo rebaixamento pode ter impacto no mercado ainda maior do que o primeiro, porque muitos investidores estão impedidos de deter títulos que não são classificados como grau de investimento por pelo menos duas das três principais agências de rating.

A Moody's cortou o rating do Brasil para um degrau antes de perder o selo de bom pagador há menos de dois meses, com perspectiva estável. A Fitch classifica o país dois níveis acima do grau especulativo, com perspectiva negativa.

Alcançar superávit primário em 2016 será crucial para o Brasil estabilizar as finanças e sua classificação de risco, disse Leos, acrescentando que a recriação de um imposto sobre transações financeiras, a antiga CPMF, parece inevitável agora.

— Talvez não seja a solução mais eficiente, mas é possivelmente a única solução.

A Moody's está monitorando se Dilma vai obter consenso político suficiente para as medidas de austeridade necessárias para fechar o déficit orçamentário. O início de um processo formal de impeachment contra ela não seria positivo, uma vez que aumentaria incertezas, disse Leos.

— Isso não está em nossos cenários — acrescentou.

Atividade industrial na China tem pior nível em 6,5 anos

23/09/2015 – Fonte: O Globo



O índice geral de compras industrial (PMI, na sigla em inglês) da China caiu para 47,0 em setembro, seu nível mais baixo em seis anos e meio. É um novo indício da desaceleração da segunda maior economia do mundo.

O PMI ficou abaixo do nível 50, que separa a contração da expansão, assim como ocorreu em agosto (47,3) e em julho (47,8).

É o valor mais baixo do índice desde março de 2009, quando o mundo foi atingido pelos efeitos da crise financeira global.

O índice preliminar se baseia em 85% dos entrevistados. O número final, que costuma ser revisado, deve ser divulgado em 1º de outubro.

O índice foi pior do que o esperado e sacudiu os principais mercados financeiros da Ásia. Xangai fechou em baixa de 2,19%, Hong Kong registrou queda de 2,28% e Tóquio recuou 1,96%.

Os investidores já tinham incertezas sobre a extensão da desaceleração chinesa, especialmente depois do Fed, o banco central americano, ter mencionado a China como um de seus motivos para não subir a taxa de juros na semana passada.

As fábricas chinesas reduziram a produção, pessoal e preços em um ritmo maior que o das novas ordens de exportação, e os novos pedidos em geral caíram, segundo o relatório. Os fabricantes chineses empregam milhões de trabalhadores e são parte importante da economia, mas sofrem os efeitos de uma fraca recuperação em grandes mercados estrangeiros.

Os dados aumentam a pressão sobre o governo comunista chinês, que tenta impedir uma que muito brusca do crescimento.

A economia chinesa cresceu 7% no último trimestre, seu resultado mais fraco desde 2008.

Vale diz que cortará custo de produção do minério para menos de US\$ 13 a tonelada até 2018

23/09/2015 – Fonte: O Globo



A mineradora Vale cortará o custo de produção do minério de ferro para menos de US\$ 13 a tonelada até 2018 ante cerca de US\$ 16 atualmente, disse um executivo nesta quarta-feira, tornando a brasileira a produtora com menor custo do mundo.

— A Vale está progredindo para atingir o menor custo caixa de produção da indústria e será competitiva em qualquer cenário de preços — disse Claudio Alves, diretor global de marketing e vendas da Vale, em evento do setor.

A redução de custo ocorrerá após a conclusão do projeto de expansão de 90 milhões de toneladas conhecido como S11D na Amazônia, disse Alves.

Governo publica MP que eleva IR sobre ganho de capital

23/09/2015 – Fonte: O Globo

O governo federal publicou, em edição extra do Diário Oficial da União nesta terça-feira, parte das medidas de ajuste fiscal de 2016, entre elas a medida provisória que eleva o Imposto de Renda sobre ganho de capital.

O QUE MUDA NA TRIBUTAÇÃO

Custo de aquisição	500	3.000	20.000
VALOR DA VENDA	1,5 milhões	5,5 milhões	25 milhões
IR devido hoje (alíquota única de 15%)	117.867	294.667	589.335
Novas alíquotas*	20% (de R\$ 1 milhão a R\$ 5 milhões)	25% (R\$ 5 milhões a R\$ 20 milhões)	30% (acima de R\$ 20 milhões)
Como ficará o IR devido	157.156	491.112	1.178.670

*Para imóveis até R\$ 1 milhão, a alíquota não muda

Fonte: Siqueira Castro Advogados

Editoria de Arte

Na edição, também foram publicadas quatro mensagens da presidente Dilma Rousseff ao Congresso Nacional, mas sem muitos detalhes. Segundo a assessoria de imprensa da Casa Civil, uma delas é a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que recria a CPMF.

O aumento do tributo deve atingir sobretudo a venda de imóveis. Para quem lucra até R\$ 1 milhão, o imposto continua o mesmo, 15%. Na faixa que exceder R\$ 1 milhão e for até R\$ 5 milhões, a alíquota é de 20% e, de R\$ 5 milhões a R\$ 20 milhões, 25%. Para ganhos

de capital acima de R\$ 20 milhões, o tributo proposta é de 30%. As novas alíquotas valerão em 2016.

PEC DA CPMF

O governo também enviou ao Congresso, nesta terça-feira, a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que recria a CPMF com alíquota de 0,20% sobre as movimentações financeiras, com validade até 31 de dezembro de 2019. Os recursos serão destinados ao "custeio da previdência social e não integrará a base de cálculo da Receita Corrente Líquida", segundo texto divulgado pelo Ministério da Fazenda.

Também foi encaminhada ao Congresso a PEC que elimina o abono de permanência de servidores prestes a se aposentarem. Com a retirada do benefício, o governo calcula economia de gastos de R\$ 1,2 bilhão.

Outra medida do pacote publicada no DOU é o projeto de lei trata da garantia de implementação do teto remuneratório do serviço público, destinada a economizar 800 milhões de reais.

REDUÇÃO DE LITÍGIOS

A publicação desta terça-feira incluiu uma medida provisória (692) que flexibilizou as condições para a adesão ao Prorelit, programa anunciado em julho com o objetivo de elevar a arrecadação, que permite que as empresas que desistirem de litígios com o fisco possam pagar parte do valor devido em dinheiro e o restante com créditos de prejuízo fiscal.

A MP estende o prazo para a adesão ao programa em um mês para 30 de outubro e reduz o pagamento em dinheiro de 43% para 30% das dívidas indicadas para quitação.

Além disso, o governo também abriu a possibilidade de parcelamento do pagamento em espécie, mas com aumento do percentual. Quem optar por parcelar em duas vezes, terá que pagar 33% em dinheiro e aqueles que desejarem parcelar em três vezes, terão que arcar com 36%.

Apesar da flexibilização das condições, o coordenador-geral de Arrecadação e Cobrança da Receita, João Paulo Martins da Silva, assinalou que a previsão de arrecadação com o Prorelit permanece por volta de R\$ 10 bilhões para este ano.

- A gente acha que vai ampliar um pouco os interessados, primeiro porque a gente está dividindo a entrada, está dando prazo maior. Então com isso a possibilidade de adesão é um pouco maior - disse Silva, acrescentando que, apesar disso, a estimativa de arrecadação "é mais ou menos a mesma".

Restam ainda 12 medidas que devem ser publicas até o fim desta semana, segundo informou uma fonte da Casa Civil.

Recessão evita repasse imediato da alta do dólar a preços

23/09/2015 – Fonte: O Globo

Recessão, juros altos e crédito escasso impedem que a disparada do dólar tenha impacto imediato no bolso do consumidor, mas, em breve, os aumentos vão começar a ser percebidos de forma mais generalizada. De acordo com economistas, as vendas em queda acabam freando a pressão do câmbio sobre os preços.

Empresários concordam, mas explicam que não é possível segurar os reajustes muito tempo e preveem repasse aos preços em maior ou menor intensidade, dependendo da situação de cada setor.

— A recessão posterga o impacto porque as indústrias estão com estoques elevados, e esses produtos chegarão ao mercado sem necessidade de repasse. Quando o consumo é alto, e as empresas precisam repor estoques rapidamente, o efeito é imediato. Mas hoje, as pessoas já não estão comprando, se o fabricante repassar esse custo, aí é que não vende mesmo — explica Luís Otávio Leal, economista-chefe do banco ABC Brasil.

Presidente do Centro das Indústrias do Estado do Amazonas (Cieam), Wilson Périco, diz que, por usarem muitos insumos importados, os fabricantes de eletroeletrônicos e de motos estão com os custos pressionados e devem repassar as altas:

— Na produção de televisores, por exemplo, 80% são componentes importados. No caso das motos, 70%. Claro que não será o aumento integral do dólar e deve acontecer em dois ou três meses, depende do estoque de cada empresa. O que é certo é que isso vai diminuir o ímpeto do consumidor.

VENDAS EM QUEDA

Lourival Kiçula, presidente da Associação Nacional de Fabricantes de produtos eletroeletrônicos (Eletros), confirma a expectativa. Ele lembra que, no primeiro semestre, as vendas de fogões, refrigeradores e máquinas de lavar caíram 10%, passando de 8,34 milhões de unidades de janeiro a junho de 2014 para 7,47 milhões este ano. Já no segmento de micro-ondas, a retração foi de 16%, e, no de televisores, de 37%.

— Assim que os custos com os insumos aumentarem, será repassado. Se já estava difícil, vai ficar mais complicado. A alta do dólar vai refletir, com toda certeza, nas vendas do fim do ano — lamenta.

De acordo com a Confederação Nacional da Indústria (CNI), o segmento amarga estoques indesejados durante todo o ano. O índice de estoques efetivos em relação ao planejado chegou a 52,3 pontos em julho, e, pela metodologia da pesquisa, taxa acima de 50 revela excesso de estoques. O problema é maior nas grandes empresas, em que o indicador ficou em 56,3 pontos. Em janeiro, era 53,5.

Humberto Barbato, presidente da Abinee (Associação Brasileira das Indústrias Elétricas e Eletrônicas), também prevê repasses ao longo do tempo, em função dos níveis de estoques.

— Quem tiver mais fôlego vai mais longe. O setor tem concorrência acirrada, e esse fator será considerado na hora de definir preços — diz Barbato.

'SENSAÇÃO DE AGRAVAMENTO'

O economista Luiz Roberto Cunha, da PUC-Rio, explica que o peso da alta do dólar no IPCA, índice oficial de inflação, é pequeno, porque atinge poucos itens diretamente. Mas causa uma sensação de descontrole que pode influenciar preços:

— A inflação não deve sair dessa média de 9,5% (no acumulado de 12 meses). Mas a alta do câmbio cria a sensação de agravamento da crise, e, por isso, algo pode ser repassado para os preços. A indústria e o comércio se sentem pressionados mais pela sensação de descontrole, de não saber como será lá na frente, do que pelo aumento dos custos.

Governo alemão nega que sabia de fraude na Volkswagen

23/09/2015 – Fonte: Exame

O Ministério dos Transportes da Alemanha negou nesta quarta-feira que tinha conhecimento sobre a tecnologia usada pela Volkswagen para fraudar os testes de emissões de poluentes, apesar de reconhecer que sabia de uma diferença entre "testes" e emissões nas ruas.

A Volkswagen admitiu ter utilizado um software para reconhecer quando um carro estava sendo verificado em um centro de testes, mudando o motor para o modo de economia e injetando produtos químicos para reduzir as emissões, a fim de registrar nos "testes" resultados inferiores aos observados em condições normais de condução.

Membros do Partido Verde questionaram o governo sobre a discrepância entre as emissões no ambiente de teste e durante a condução normal.

O Ministério dos Transportes, respondendo em nome do governo, reconheceu em um comunicado que estava ciente do problema e que estava buscando regras mais rígidas. A resposta não reconheceu, no entanto, qualquer manipulação deliberada.

"Não havia nenhum conhecimento do Ministério dos Transportes sobre o uso de tecnologia de controle de emissões", disse um porta-voz do ministério.

Fama de metódico do CEO da VW agora se volta contra ele

23/09/2015 – Fonte: Exame



O CEO da Volkswagen AG, Martin Winterkorn, se preparava para produzir o Passat na nova fábrica americana de US\$ 1 bilhão e não estava satisfeito.

Em visita à instalação de Tennessee antes da inauguração, em 2011, ele repreendeu os funcionários por pendurarem as peças cromadas das aberturas de ventilação, das portas e das caixas de marchas na parede.

Para checar se elas estavam brilhando uniformemente antes de aceitar usá-las no sedã, ele queria que elas fossem exibidas em uma mesa com uma luz brilhante vinda de baixo, no mesmo ângulo que os clientes veriam as peças no carro.

Conhecido por medir os espaços entre as peças de metais e por enaltecer o acabamento estilo caneta MontBlanc aplicado às peças de plástico do hatchback Golf, o foco de Winterkorn nos detalhes é famoso no setor.

Em um momento em que a maior fabricante de carros do mundo enfrenta uma investigação criminal nos EUA por fraude nos testes de emissões, isso agora está voltando para assombrá-lo.

"Eu ficaria muito surpreso se houvesse apenas um punhado de engenheiros manipulando o software e ninguém mais soubesse a respeito dele", disse Arndt Ellinghorst, um analista da Evercore ISI em Londres que acompanha a VW há mais de uma década.

"No caso de Martin Winterkorn, é claro que, se ele sabia disso, essas acusações pesariam tanto que ele precisaria enfrentar as consequências pessoalmente e pedir demissão".

O momento é delicado para Winterkorn. Ele estava consolidando sua autoridade após sobreviver a uma disputa de poder com seu antigo mentor e patriarca da VW, Ferdinand Piech, que tentou derrubar Winterkorn em abril e fracassou.

Parte das críticas de Piech estava enfocada na dificuldade da VW em competir com a Ford, a GM e a Toyota nos EUA.

Mas o sucesso de Winterkorn, incluindo o aumento de 77 por cento nas vendas e o fato de ter catapultado a Volkswagen para o primeiro lugar global provaram ser muita coisa para o antes invencível Piech, que renunciou.

Lamenta profundamente

Apesar de o CEO de 68 anos ter dito no domingo que "lamenta profundamente" e prometer uma investigação completa, ele não comentou especificamente sobre sua participação.

Essa incerteza o coloca na berlinda antes da reunião do conselho de supervisão, nesta quarta-feira. O conselho completo se reunirá na sexta-feira, quando deveria assinar uma extensão de contrato do executivo até 2018.

A VW disse na segunda-feira que 11 milhões de carros em todo o mundo, mais do que o total vendido pela empresa no ano passado, estavam equipados com motores a diesel com problemas.

A empresa separou 6,5 bilhões de euros (US\$ 7,3 bilhões) em um cálculo inicial de custos potenciais.

As ações da empresa, que perderam 19 por cento de seu valor na segunda-feira, continuaram o declínio nesta terça-feira, caindo até 23 por cento, para 101,35 euros, nas negociações em Frankfurt.

As ações caíram cerca de 38 por cento desde que o escândalo estourou, na noite de sexta-feira, eliminando cerca de 25 bilhões de euros em valor de mercado da companhia.

Dano à reputação

"Se se confirmar que Winterkorn estava envolvido no assunto, então ele deveria pedir demissão", disse Bernd Osterloh, membro do conselho de supervisão e principal líder sindicalista da Volkswagen, a repórteres em Frankfurt.

"Não podemos suportar tamanho dano à reputação".

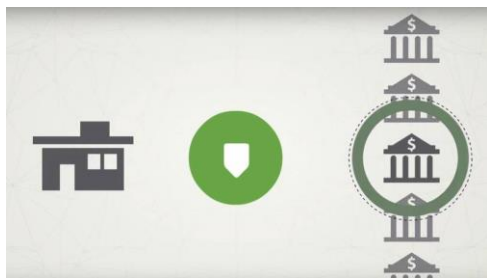
O tumulto ocorreu após a revelação da Agência de Proteção Ambiental dos EUA, na sexta-feira, de que a fabricante de automóveis havia fraudado os testes de poluição atmosférica e encoberto o fato durante quase um ano.

Como resultado, a empresa receberá multas de até US\$ 18 bilhões. O Departamento de Justiça dos EUA também está realizando uma investigação criminal, segundo dois membros do governo americano informados sobre o inquérito.

Entre os carros atingidos pela investigação da agência estão veículos da VW e da Audi de modelos dos anos 2009 a 2015. A VW interrompeu as vendas desses carros nos EUA no domingo ao enfrentar as consequências do escândalo.

Site ajuda pequenas empresas a conseguirem crédito na crise

23/09/2015 – Fonte: Exame



Em tempos de crise econômica, conseguir crédito fica mais difícil. Mas existe um jeito de pequenas e médias empresas conseguirem dinheiro pela internet, sem burocracia e até com taxas mais atrativas. É uma ferramenta chamada Intoo.

A Intoo está no mercado desde 2013, e viu a procura por seus serviços disparar com o cenário de crise econômica. Até agosto deste ano, foram 580 milhões de reais em transações, um aumento de 38% em relação a todo o ano de 2014.

Agora, a startup se prepara para captar mais 5 milhões de reais em crédito para pequenas e médias empresas. A ideia é criar uma espécie de “bolsa de recebíveis”.

“Com a crise econômica, muitos clientes estão demorando mais para pagar, e a empresa fica com esse recebível na mão”, explica Bruno Maggi, diretor financeiro da empresa. Ao mesmo tempo, os bancos estão mais rígidos na concessão de crédito, o que leva as empresas a buscarem outras alternativas, completa Maggi.

Vantagens para as PME’s

Para as PME’s, a principal vantagem do serviço é a agilidade, afirma Maggi. “Fazer a cotação de crédito em várias instituições financeiras demanda tempo de pesquisa. Com o nosso serviço, a empresa consegue isso de forma automática, sem burocracia”, diz. A Intoo tem mais de 50 instituições financeiras e 40 mil empresas cadastradas. O cadastro das empresas é gratuito.

Com essa diversidade de instituições financeiras, a plataforma pode trazer soluções tanto para empresas com uma boa situação financeira quanto para aquelas que estão passando por dificuldades. “Quem está mal também consegue. As vezes são empresas que não teriam esse crédito no banco, mas que na Intoo encontram instituições mais focadas nesse tipo de caso”, afirma Maggi.

Sérgio Guimarães é gerente financeiro da Inox Brito uma empresa de Guarulhos que usa a plataforma da Intoo para conseguir crédito. Na época em que procurou a Intoo, a Inox Brito passava por uma reestruturação financeira e havia renegociado contratos com alguns bancos. “Você sabe, quando se renegocia com os bancos, eles fecham as portas. Então nós procuramos o serviço da Intoo”, lembra.

Outra vantagem do serviço é a possibilidade de negociar com instituições financeiras de todo o país, ressaltava Guimarães. “Nós estamos em Guarulhos. Se fôssemos buscar crédito por conta própria, procuraríamos apenas empresas da nossa região. Já com eles tivemos a possibilidade de operar com quem está em outros estados”, explica.

Aportes

E como a Intoo ganha dinheiro com tudo isso? O cadastro das empresas em busca de crédito é gratuito, mas a startup recebe uma comissão da instituição financeira a cada negócio fechado.

Maggi não revela valores de faturamento, mas conta que a Intoo já recebeu 5 milhões de dólares em investimento até agora. Dentre os investidores estão Accion Venture Lab, Red Point e ventures e Monashees.

Atualmente, a empresa investe para deixar seu serviço mais ágil. Hoje, o processo para conseguir crédito pela Intoo demora cerca de uma semana. A empresa está investindo numa nova plataforma, que terá como meta concluir o processo – e garantir o dinheiro na conta – em apenas um dia. A nova plataforma deve começar a funcionar entre dezembro e janeiro de 2016.

Ford e Alcoa desenvolvem componentes de ligas de alumínio mais resistentes, maleáveis e leves

23/09/2015 – Fonte: CIMM



A Ford Motor Company anunciou um acordo com o Grupo Alcoa para o desenvolvimento de novos componentes automotivos com ligas de alumínio de nova geração. Essa parceria está permitindo a criação de uma série de peças mais resistentes, maleáveis e leves, aprimorando o trabalho de design.

Como resultado inicial, a Ford vai usar o novo material, Micromill, em vários componentes da picape F-150 ano-modelo 2016, tornando-se a primeira fabricante a aplicar comercialmente esse avançado alumínio automotivo.

"A redução de peso permite oferecer veículos mais eficientes para os clientes. Hoje, a proposta da F-150 é ser a picape capaz de carregar e rebocar mais carga, acelerar e parar mais rápido que o modelo anterior, além de ser mais econômica no consumo de combustível", diz Raj Nair, vice-presidente e diretor de Desenvolvimento do Produto Global da Ford. "A parceria com a Alcoa faz parte da nossa pesquisa contínua para a inovação nos nossos veículos."

A tecnologia Micromill da Alcoa produz uma liga de alumínio 40% mais moldável que o alumínio automotivo usado atualmente. É o sistema de fundição e laminação de alumínio mais rápido e produtivo do mundo, combinando várias tecnologias. Enquanto um laminador tradicional leva cerca de 20 dias para transformar o metal fundido em bobina, o novo processo faz isso em apenas 20 minutos.

A maleabilidade do alumínio Micromill facilita a moldagem de formas intrincadas, como painéis internos de portas e para-choques. A maior resistência do material também permite o uso de folhas mais finas, sem comprometer a durabilidade.

"Ele é altamente diferenciado, com resistência, peso, maleabilidade e combinações de qualidade de superfície antes impossíveis", diz Klaus Kleinfeld, presidente da Alcoa. "Esse alumínio de alta tecnologia dá à Ford um material verdadeiramente de ponta que traz

maior flexibilidade no design e melhor desempenho para os veículos, tornando os carros-conceito de amanhã uma realidade."

A Ford pretende ampliar o uso do Micromill em vários componentes e plataformas de veículos. A expectativa é que a aplicação dessa liga nos carros da marca mais que duplique entre 2016 e 2017.

"O interior das portas é uma das partes mais difíceis na estampagem automotiva", diz Peter Friedman, gerente global de Pesquisa e Engenharia Avançada da Ford. "A capacidade de produzir essa peça com a nova tecnologia é uma prova real de como esse processo pode beneficiar a indústria automotiva e a Ford em particular, aumentando a nossa capacidade de avançar no design e na eficiência para os clientes".

Brasil deve passar a usar mais fontes de energia poluentes, prevê relatório

23/09/2015 – Fonte: CIMM

O Brasil deve aumentar a participação de fontes poluentes na matriz energética nos próximos anos, segundo análise feita pelo World Resources Institute (WRI). A organização internacional de pesquisa sobre sustentabilidade divulgou nesta segunda-feira (21) o relatório Oportunidades e Desafios para Aumentar Sinergias entre as Políticas Climáticas e Energéticas no Brasil.

Segundo o documento, mais de 70% dos investimentos previstos para o setor de energia no país entre 2013 e 2022 devem ser feitos em fontes com altas emissões de gases de efeito estufa. "Em contraste com muitas das maiores economias emergentes, a matriz energética do Brasil está se tornando mais intensiva em carbono, não menos, por causa do aumento da dependência de combustíveis fósseis", diz o texto. Ao todo, está estimada a alocação de US\$ 500 bilhões no período.

A análise foi feita a partir das informações divulgadas pelo Ministério de Minas e Energia e pela Empresa de Pesquisa Energética. Assinam o relatório o professor do Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo, Oswaldo Lucon, a coordenadora de projetos de clima no WRI Brasil, Viviane Romeiro, e a diretora do Open Climate Network, Taryn Fransen.

Ao longo dos anos, o Brasil conseguiu reduzir o desmatamento, diminuindo o impacto da mudança do uso da terra nas emissões de carbono. De 2005 a 2011, a poluição gerada dessa maneira caiu 74%, de acordo com os dados do Ministério da Ciência e Tecnologia citados no relatório. Por outro lado, as emissões do setor de energia cresceram 24% no mesmo período, após terem registrado aumento de 44% na década anterior (de 1995 a 2005).

Para reverter a tendência, os pesquisadores ressaltam a importância de aumentar a eficiência e buscar alternativas menos poluentes para o setor de transportes. "À exceção de algumas cidades, o Brasil tem oferecido poucos incentivos até agora para fazer mudanças em direção a modos de transporte mais eficientes, incluindo o transporte sobre trilhos e o BRT (Bus Rapid Transit). Uma série de reformas nos níveis federal, estadual e municipal, poderia ajudar a acelerar essa mudança", destaca o texto.

Integrar e otimizar o transporte público pode, de acordo com o estudo, além de trazer benefícios na mitigação das mudanças climáticas, melhorar a qualidade de vida nas cidades.

"Os benefícios de investir em transporte de massa de passageiros nos maiores centros urbanos incluem a redução da poluição do ar e melhora do trânsito", destaca o documento.

Entre as medidas nesse sentido é apontado o incentivo a transporte por trilhos, para reduzir o uso de carros em longas distâncias. Os pesquisadores também defendem que o governo federal, por meio do Ministério das Cidades, fomente a criação de planos locais de mobilidade, que prevejam ações para restringir o uso dos carros.

O investimento em geração de energia por meio de fontes limpas, como solar e eólica, é outro ponto abordado pelo relatório. De acordo com o documento, há grande espaço para expansão nessa área, inclusive na questão do desenvolvimento tecnológico.

“Existem oportunidades significativas inexploradas pelo Brasil nesse campo: a alta incidência de raios solares, os custos declinantes e uma forte interação entre o setor de energia fotovoltaica [solar] e as indústrias de componentes eletrônicos, em relação ao valor agregado da cadeia”.

O Brasil está tentando costurar um acordo global para a 21ª Conferência do Clima (COP 21), que será realizada em dezembro próximo, em Paris. Segundo a ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, o principal objetivo é garantir um compromisso entre os países para diminuir a emissão de gases de efeito estufa, reduzindo o aquecimento global e limitando o aumento da temperatura em 2°C até 2100.

Multinacionais devem ter os piores resultados no Brasil em mais de uma década

23/09/2015 – Fonte: CIMM

Quando várias multinacionais começarem a fechar o balanço do terceiro trimestre, nas próximas semanas, seus diretores financeiros provavelmente constatarão uma dura realidade: os resultados mais fracos registrados no Brasil em mais de uma década.

A Medtronic, fabricante de equipamentos médicos, está mais preocupada com a turbulência política e econômica do Brasil, oitava maior economia do mundo, do que com a desaceleração da China, enquanto a FMC, do setor de químicos, vem "agressivamente" reduzindo suas operações brasileiras.

Já a alemã Continental, dos ramos de autopeças, avalia que a queda nas vendas de automóveis, a carga fiscal e problemas regulatórios tornam os negócios mais difíceis numa região que é muito grande para ser abandonada.

"Reconhecemos que o custo de se fazer negócios no Brasil deverá continuar elevado, muito provavelmente além da temporada de 2015 e 2016", comentou o diretor financeiro da FMC, Paul Gravestold, durante recente conferência com investidores.

Há poucas semanas, a Standard & Poor's retirou o grau de investimento que o Brasil manteve por sete anos. Além disso, o real vem operando nas mínimas históricas ante o dólar, a economia está em recessão e a inflação está bem acima da meta do governo.

Em muitos casos, isso significa que os recursos que as empresas vinham investindo até pouco tempo atrás em um mercado emergente que costumava ser um dos favoritos dos investidores já não estão mais dando retorno. A pressão, que vem de todos os lados, está levando as companhias a rever suas operações.

O Orçamento do Brasil para 2016, que foi anunciado este mês e ainda precisa ser aprovado pelo Congresso, propõe a recriação de um polêmico imposto sobre transações financeiras, a CPMF. A ideia é que o tributo ajude a reduzir o déficit orçamentário do País ao impor uma taxa de 0,2% sobre operações financeiras.

A expectativa é que o imposto gere cerca de US\$ 8,4 bilhões anualmente e virá junto com a retirada de uma série de incentivos fiscais concedidos às empresas. Segundo o ministro

da Fazenda, Joaquim Levy, a medida da CPMF será temporária e não ficará em vigor por mais que quatro anos.

A FMC diz que está reduzindo sua receita no Brasil, ao abrir mão de clientes menos lucrativos, e, ao mesmo tempo, revendo as operações locais para diminuir custos.

Os olhos de muitos executivos estão voltados para a saúde econômica da China, mas os problemas do Brasil preocupam as empresas tanto quanto ou até mais.

"Se há um país sobre o qual eu diria que estou mais preocupado, não é a China, é provavelmente o Brasil", disse o diretor financeiro da Medtronic, Gary Ellis.

De fato, mais de uma em cada cinco empresas que integram o S&P 500 citaram o desempenho do Brasil em suas teleconferências mais recentes sobre resultados trimestrais.

O Brasil é, por exemplo, o maior mercado da Avon, tendo respondido por quase US\$ 1,9 bilhão em vendas da empresa de cosméticos no ano passado, quase o dobro do resultado nos Estados Unidos. No caso do fabricante de tintas Sherwin-Williams, o País é seu segundo maior mercado, depois dos Estados Unidos.

Além das dificuldades econômicas, o escândalo de corrupção que atingiu a Petrobrás levou o governo e bancos a ficarem atentos a quaisquer saídas de capital.

A Sherwin-Williams acredita "que o escândalo da Petrobrás tem ramificações por todo o País", afirma seu diretor financeiro, Sean Hennessy, e os problemas domésticos estão afetando as operações da empresa na Ásia porque a petroleira usa revestimentos da marca em alguns de seus produtos.

Para certas companhias, transferir os lucros excedentes no Brasil para outras partes do mundo é uma tarefa difícil. "Você não pode mais simplesmente tirar dinheiro do Brasil", afirmou Wolfgang Schäfer, diretor financeiro da Continental. Segundo Schäfer, as empresas precisam pagar impostos sobre recursos que deixam o País e uma ampla documentação é exigida para justificar a retirada de capitais.

Apesar dos problemas, o Brasil, assim como a China, oferece grandes oportunidades de crescimento e muitas empresas se sentem obrigadas a permanecer no País. "É um mercado que produz cerca de três milhões de carros (por ano), no momento", lembrou Schäfer. "Precisamos continuar (no Brasil) e, por isso, não estamos investindo menos, mas os negócios estão mais difíceis."

Mercado promissor

Nem todas as companhias estão insatisfeitas. A Prudential Financial, por exemplo, diz que fora do Japão, onde a seguradora também cresce, o aumento anual de US\$ 14 milhões que registrou nas vendas do segundo trimestre foi gerado principalmente pelo Brasil.

A Zoetis, empresa do segmento de saúde animal, diz que sua unidade voltada ao mercado pecuário brasileiro teve forte desempenho no trimestre encerrado em junho.

Além disso, companhias como a Avon não têm outra escolha a não ser permanecer no Brasil. Durante teleconferência, em julho, o diretor-financeiro da empresa, James Scully, disse que a receita no País caiu 6% na comparação anual do segundo trimestre, desconsiderando-se os efeitos negativos da conversão cambial. Em junho, o governo brasileiro elevou impostos sobre cosméticos, decisão que foi responsável por dois terços da queda no resultado da Avon.

O Brasil é conhecido por ter uma rígida legislação tributária. De acordo com o Banco Mundial, os especialistas em tributação das empresas precisam de cerca de 2.600 horas por ano, em média, para destrinchar as exigências fiscais. Na China, essa média é de 261 horas. Nos EUA, de 175 horas.

No que diz respeito à eficiência da legislação tributária para incentivar investimentos, o Brasil está em 139º lugar entre 143 países, segundo estudo do Fórum Econômico Mundial.

"O Brasil é obviamente desafiador, no momento", disse uma porta-voz da Avon. "Mas estamos comprometidos no longo prazo", completou.

Walter encerra a produção de especiais no Brasil

23/09/2015 – Fonte: Usinagem Brasil



O encolhimento do mercado brasileiro nos últimos anos resulta em mais uma perda para o setor de usinagem do País: a unidade de produção de ferramentas especiais da Walter em Sorocaba (SP) vai encerrar as operações ao final de 2015. Ontem, terça-feira (22 de setembro), a empresa reuniu todos os funcionários da filial brasileira para comunicar oficialmente a decisão do Grupo Walter. 10 funcionários serão afetados.

"Nós construímos essa unidade para um volume de produção alto, para um mercado em crescimento, mas a unidade nunca atingiu o volume para o qual foi projetada. Pelo contrário, a demanda tem diminuído", disse Salvador Fogliano, diretor-presidente da Walter do Brasil, em entrevista ao site Usinagem-Brasil.

Diante desse quadro, somado às "baixas perspectivas de curto e médio prazo de desenvolvimento da indústria no Brasil, a Walter decidiu encerrar as operações de fabricação de ferramentas especiais em Sorocaba".

Fogliano, porém, faz questão de frisar que a decisão afeta apenas a produção de ferramentas especiais. As demais atividades da filial brasileira (comercialização, suporte e engenharia) continuarão sendo ofertadas normalmente. "O Brasil continua sendo um mercado importante dentro da estratégia da marca Walter", afirma. "A partir de agora, a empresa colocará um enfoque ainda maior no reforço de sua Engineering Kompetenz neste mercado".

"Nossas soluções de engenharia vão muito além de ferramentas e vamos continuar a trabalhar com este foco no Brasil", afirma o executivo. "Além disso, parte considerável de nossas ferramentas especiais já está sendo produzida em nossas instalações na Alemanha, o que nos dá confiança na continuidade dos serviços e suporte aos nossos clientes".

Na avaliação de Fogliano, apesar de passarem a ser produzidas na Alemanha, as ferramentas especiais da Walter no mercado brasileiro irão manter a competitividade.

“Isso porque a nossa fábrica de Tübingen, na Alemanha, conta com os melhores meios de produção, é uma das mais modernas fábricas de ferramentas do mundo e, além disso, contamos com o Walter Xpress, serviço que possibilita prazos de entrega de duas a três semanas, a partir da cotação de uma ferramenta especial”.

HB20X é o próximo Hyundai a chegar

23/09/2015 – Fonte: Automotive Business



Durante o lançamento do HB20 modelo 2016, o diretor executivo de vendas e marketing da Hyundai, Sérgio Rodrigues, foi questionado sobre a futura produção de um utilitário esportivo pequeno em Piracicaba: “Ele se chama ix25 na China, Creta na Índia e é um projeto para países emergentes”, reconhece o executivo. No entanto, a próxima novidade a sair de Piracicaba (SP) será a segunda geração do HB20X.

“Sua participação subiu de 5% para 9%”, afirma Rodrigues. O hatch aventureiro virá antes do sedã, com mudanças para atender pelo menos parte da expectativa de quem procura um SUV pequeno e ainda não o encontra numa concessionária Hyundai. O HB20X foi o segundo modelo a sair de Piracicaba. Surgiu em janeiro de 2013, quatro meses depois do hatch.

“Essa diferença de tempo será menor agora”, afirma Rodrigues. A fábrica do interior paulista trabalha em três turnos desde o segundo semestre de 2013 e terminou 2014 com volume próximo ao da capacidade instalada para 180 mil unidades. A ampliação da planta para receber outro modelo é possível, mas não deve ocorrer “em curto prazo”. Em 2017, porém, a produção local do SUV compacto é quase certa.

Knorr-Bremse completa 10 anos de remanufatura no Brasil

23/09/2015 – Fonte: Automotive Business



Há dez anos, a Knorr-Bremse iniciava a implantação do seu processo de remanufatura no Brasil: a fabricante de sistemas de freio para veículos comerciais e ferroviários atinge 250 mil peças remanufaturadas no período, com crescimento médio de 30% ao ano.

Com capacidade atual para processar 3,5 mil peças por mês em sua unidade localizada em Itupeva (SP), onde está desde 2013, a empresa recuperou cerca de 700 toneladas de matéria-prima em uma década, entre alumínio e ferro.

“Implantamos a remanufatura no mercado brasileiro como uma grande iniciativa de

recuperação de peças usadas, motivados por uma tendência de sustentabilidade mundial. Iniciamos com compressores.

Ao longo dos anos, incluímos no processo os freios a disco, válvulas, acionamentos e servo embreagens. No primeiro semestre de 2015, a empresa passou a remanufaturar cilindros combinados (piggyback).

Ainda neste ano será lançado o caliper de freio a disco SN5 para aplicações de sete a dez toneladas em veículos comerciais, que também será mais uma excelente opção de peça remanufatura para o usuário.

A Knorr-Bremse continuará investindo em infraestrutura e tecnologia, visando a expansão do processo de remanufatura com padrão de qualidade global”, explica Pedro Orlando, gerente de engenharia da Knorr-Bremse.

A remanufatura promove ainda a oferta de produtos com procedência e com preços mais baixos do que as peças novas. “A remanufatura de produtos é um processo realizado 100% dentro das nossas instalações.

As peças usadas que chegam à fábrica passam por um criterioso processo de restauração, o qual inclui a desmontagem de todos os itens do componente, inspeção e lavagem das partes. Substituímos os itens não mais utilizáveis por outros novos, considerando todas as atualizações tecnológicas.

O processo é finalizado com a montagem da peça e testes finais de qualidade. O produto sai da fábrica Knorr-Bremse certificado com a mesma garantia de um item novo”, afirma Jefferson Germano, gerente de aftermarket para o Brasil e América Latina.

Para o executivo, a economia de recursos é um dos grandes benefícios do processo. “Durante todo o processo, os resíduos têm um descarte correto por meio de práticas em conformidade com as leis ambientais.

Em dez anos, a Knorr-Bremse recuperou aproximadamente 700 toneladas de matérias primas: isto equivale a cerca de 30 caminhões pesados com carga máxima de 23 toneladas cada, numa fila de mais de 400 metros”.

Para sustentar o processo, a empresa conta com um programa de logística reversa, no qual o consumidor compra o produto remanufaturado a base de troca com a peça usada. Para fortalecer as ações nesse mercado, a Knorr-Bremse firmou parceria com a ANRAP - Associação Nacional de Remanufuradores de Autopeças - instituição sem fins lucrativos, fundada há 20 anos.

De acordo com a entidade, o setor de produtos remanufaturados cresceu 15% em 2014: “Acreditamos na importância de um trabalho conjunto para disseminar o conceito e os benefícios dos produtos remanufaturados no mercado, tanto para uma manutenção mais segura dos veículos como para a preservação ambiental”, finaliza Germano.

Tata Motors assina acordo global com a Total Lubrificantes

23/09/2015 – Fonte: Automotive Business

A Tata Motors assinou um acordo de parceria global com o Total Lubrificantes que prevê a prestação de serviços no mercado de reposição, com o fornecimento de lubrificantes da marca Total nos pontos de venda e serviços da montadora nos mercados internacionais. Por meio da parceria, a Total também participará do processo de aperfeiçoamento de qualificação da rede da Tata Motors e apoiará a modernização das oficinas em todo o mundo.

“Por meio da nossa parceria com a Total, nós, da Tata Motors, assumimos o compromisso de fornecer lubrificantes da mais alta qualidade, desenvolvidos especialmente para a Tata Motors Commercial Vehicles. Isso irá contribuir para uma melhor performance dos veículos dos nossos consumidores, bem como para reduzir os custos gerais de operação”, declarou o diretor global para atendimento ao cliente e veículos comerciais da Tata Motors, Sanjeev Garg.

De acordo com o VP de Lubrificantes da Total, Phillipe Charleux, a parceria com a marca indiana é uma demonstração do excelente relacionamento estabelecido entre as duas empresas. “Esse acontecimento ilustra nosso compromisso com o crescimento sustentável no mercado global e com o desenvolvimento de produtos e serviços, de reconhecimento mundial, para melhor satisfazer as expectativas dos nossos clientes”, afirma.

A assinatura também contou com a presença do gerente de atendimento ao cliente para negócios internacionais e veículos comerciais da Tata Motors, Ganesh Shetty, e do gerente global de OEMs da Total Lubrificantes, Vincent Milnard.

O encontro que selou a parceria ainda contou com a presença do diretor-executivo de veículos comerciais da Tata Motors em Mumbai, Ravi Pisharody, e do presidente e diretor-geral da Total Oil India Private Limited, B. Vijay Kumar.

International entrega 51 caminhões para Grupo Maco, do Chile

23/09/2015 – Fonte: Automotive Business



A International conclui a venda de 51 caminhões 9800i ao Grupo Maco, concessionário autorizado da marca no Chile.

São 41 unidades do modelo pesado na versão 6x4 e as outras dez 6x2, fabricados na unidade de Canoas (RS) e todos com a transmissão automatizada Eaton Ultrashift Plus.

Os veículos terão como principal aplicação o reboque de carretas frigoríficas para o transporte e distribuição de frutas produzidas no país e exportadas para todo o Mercosul.

“Esta é uma excelente oportunidade de negócio num momento de restrição de vendas no mercado brasileiro e especialmente favorecida pela taxa de câmbio atual, que trouxe competitividade de preços ao nosso produto”, afirma o presidente da International Caminhões, Guilherme Ebeling.

Esta é a segunda vez que a Maco adquire o modelo de caminhão: o primeiro registro de compra é do International 9800, versão anterior ao 9800i.

As entregas começam no fim deste mês e deverão estar concluídas até o fim de outubro.

Porsche prepara modelo elétrico para desafiar reinado da Tesla

23/09/2015 – Fonte: Época Negócios



A Porsche vai desafiar a liderança da americana Tesla no mundo dos carros elétricos esportivos de luxo. A montadora alemã revelou na semana passada seu primeiro carro-conceito totalmente elétrico, o Mission E Concept, durante o Salão de Automóvel de Frankfurt.

Embora ainda não haja uma data definida para o início da produção – nem um preço estabelecido – o objetivo é derrubar o Tesla S, modelo que vem recendo críticas entusiasmadas da imprensa especializada em automobilismo.

Segundo a empresa, o esportivo de quatro portas poderá andar 500 quilômetros com uma carga de sua bateria – que deve levar apenas 15 minutos para ser carregada em 80%. É um número superior ao principal modelo da Tesla, que leva o dobro do tempo para carregar a mesma proporção da bateria.

De quebra, o Mission E Concept poderá andar 400 quilômetros com essa carga, frente aos 280 quilômetros do Tesla S. Ao contrário da competição, também poderá ser carregado via wireless. A ideia é que os proprietários estacionem sobre um aparelho colocado no chão da garagem, que fará a recarga automaticamente, sem cabos.

Visualmente, o Mission E Concept se parece com uma versão futurística do Porsche 911. Ele deverá trazer recursos avançados como controles ativados por gestos ou mesmo pelo movimento das pupilas dos olhos do piloto. Também deverá ser equipado com projetores holográficos para algumas funções, como o GPS.

Ressalte-se: ainda se trata de um projeto conceito, o que significa que a versão final de produção poderá abrir mão de alguns dos dispositivos – ou acrescentar outros. Com potência de 610 cavalos, os dois motores do modelo proporcionam velocidade máxima na faixa dos 250 km/h e uma aceleração de 0 a 100 km/h em apenas 3,5 segundos.

Holanda recebe primeiros veículos sem motorista que circularão nas ruas

23/09/2015 – Fonte: Época Negócios

Muito se tem falado do carro sem motorista do Google. Até a presidente Dilma foi conhecê-lo em sua passagem pelo Vale do Silício. Mas o primeiro veículo elétrico e sem condutor a funcionar em ruas fará sua estreia na Holanda, segundo o The Telegraph.

Com capacidade para levar até seis passageiros, cobrirá uma rota entre as cidades de Wageningen e Ede. Os testes do projeto WEpod começarão em novembro.

O site inglês afirma que outros veículos sem motoristas já circulam em alguns lugares do mundo, como o ParkShuttle em Rotterdam, o Heathrow Pod em Londres e o LUTZ

Pathfinder em Milton Keynes, mas eles ficam restritos a uma via especial ou áreas só para pedestres. Os WEpods andarão sobre vias normais de circulação.

Durante a fase de testes, o veículo não circulará em condições complicadas, como hora do rush e chuva forte. Uma sala de controle vai monitorar o veículo, que chega a até 25 km/h. Inicialmente, ele percorrerá apenas uma rota fixa, mas a expectativa é que ele faça outros trajetos e ande em outras regiões da Holanda a partir de maio de 2016.

Os veículos EasyMileEZ10 são produzidos pelo projeto CityMobil2 e duas unidades foram entregues para a iniciativa holandesa. Eles serão adaptados com equipamento técnico adicional, como câmeras e GPS para garantir o monitoramento da rota e a segurança.

Os envolvidos no desenvolvimento do WEpod também pretendem lançar um aplicativo que vai permitir aos passageiros reservar um assento, inserir o ponto de partida e o destino. O veículo, então, ficará responsável por traçar a melhor rota.

Por que é tão difícil ser um líder lean

23/09/2015 – Fonte: Época Negócios



Conforme mais e mais empresas se interessam pela transformação lean, um dos obstáculos mais sérios que tem surgido para uma jornada de sucesso é o estilo de liderança predominante nas companhias.

Há vários elementos importantes na liderança lean, conforme já destacamos em outras colunas. Mas vamos aqui destacar dois deles: a atitude gemba e a transformação de líderes em coaches.

Gemba é uma expressão japonesa que significa “o lugar onde as coisas acontecem”. Outro termo, também japonês, usado com conotação semelhante é genchi gembutsu, significando que é preciso que você mesmo verifique os fatos para ter certeza de que se tem a informação certa necessária para tomar uma boa decisão em bases sólidas.

Isso evita a falsa sensação de que as coisas estão sob controle porque há informações a disposição, quando isso muitas vezes não representa bem a realidade, porque os fatos reais não foram considerados ou entendidos.

Pode ser numa fábrica, num escritório de engenharia, numa área de atendimento ao cliente, num call center, num centro cirúrgico, num guichê de uma empresa aérea...

As lideranças na empresa lean não podem se basear apenas em métricas e indicadores de relatórios ou power points criativos discutidos em salas de reunião. Elas devem ir aos locais onde o valor para o cliente é gerado, e onde os problemas acontecem, e ver com

seus próprios olhos. Isso permite uma melhor visualização e um melhor entendimento dos problemas reais, contribuindo, assim, para a solução. E para permitir que se façam melhorias.

Mas há muita confusão com relação a isso. Comumente, há lideranças que acham que devem ir aos locais para elas próprias resolverem os problemas. Ou, então, para chamar a atenção dos colaboradores, intimidando e ameaçando no caso de objetivos não atingidos e resultados inadequados.

Assim, devemos mudar os modelos mentais e as atitudes para que a ida ao gema por parte das lideranças, em seus vários níveis, possa ser eficaz. É preciso estimular as pessoas a assumirem responsabilidades e tomarem iniciativa, e não a simplesmente terem a postura de esperar e seguir "ordens de cima". Para isso, é preciso que o sistema de gestão tenha elementos que apoiem essa dinâmica.

Nesse sentido, o líder lean deve ser um coach, um treinador que desenvolva pessoas, que estimule seus colaboradores a, eles próprios, analisarem as causas dos problemas e cheguem às soluções mais apropriadas.

Não se trata apenas de um processo abstrato e tradicional de coaching, para firmar melhores pessoas, mas uma maneira efetiva de criar uma cultura de resolução de problemas e de melhorias e de criar e enfrentar desafios permanentes.

Para isso acontecer, a liderança e o sistema de gestão devem incentivar a exposição clara de problemas e, portanto, não estimular o comportamento de escondê-los, propiciando, assim, a transparência através da gestão visual.

E deve eliminar o "medo de revelar problemas" – tão comum – ao deixar claro na companhia que os problemas estão nos processos e não nas pessoas. O líder deve ser capaz de ensinar e apoiar mais do que mandar e controlar.

Nesse sentido, não se trata do líder que visa reforçar suas credenciais e qualificações individuais para, assim, "subir" na hierarquia da empresa ou "saltar" de companhia em companhia.

Tampouco falamos do líder que está sempre em busca de melhores oportunidades, colocando sua carreira e os resultados organizacionais de curto prazo em primeiro lugar. Não se trata daquele que não foca em sua contribuição à organização e na geração de valor ao cliente.

Assim, também há muitas dificuldades para mudar hábitos e crenças fundamentais. Os fatores que levaram os líderes às suas posições atuais quase sempre são os mesmos que precisam ser alterados profundamente.

As empresas tendem a estimular uma perspectiva de crescimento individual, quase sempre focalizada em um pretensão "talento" individual que torna difícil focalizar o esforço fundamental da liderança no desenvolvimento das habilidades e conhecimento dos seus colaboradores mais próximos.

Ir ao gema e ser um coach são dois dos desafios mais importantes da transformação da liderança para dar sustentação a uma empresa mais capaz de crescer em bases sólidas, mantendo-se competitiva no longo prazo. Se conseguirmos superá-los, a jornada da transformação lean tenderá a elevar as organizações a níveis de desempenho muito superiores.

(José Roberto Ferro é presidente do Lean Institute Brasil, escreve às terças-feiras)

Presidente da CNI defende que Congresso mantenha vetos de Dilma

23/09/2015 – Fonte: Época Negócios



O presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Robson Andrade, defendeu nesta terça-feira (22/09) que senadores e deputados mantenham os vetos da presidenta Dilma Rousseff a projetos aprovados no Congresso, que aumentam as despesas do governo.

Para que o governo não corra risco de que vetos – como que prevê reajustes de 53% a 78% para servidores do Judiciário – sejam derrubados, a sessão prevista para a noite de hoje deverá ser mais uma vez adiada.

“O país está passando por uma dificuldade muito grande. Independentemente do mérito de um ou outro projeto, de um ou outro aumento de despesa, nós entendemos que, neste momento, o país não pode, de maneira alguma, aceitar qualquer tipo de aumento de custo, de aumento de despesa, porque nós estamos extremamente fragilizados”, afirmou depois de uma reunião com o presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL).

Reformas

O presidente da CNI disse que o setor é contrário a medidas que aumentem impostos e defendeu que o momento é de fazer uma reforma administrativa e da previdência no país.

“Achamos que o governo e o Congresso estão em um momento muito oportuno para fazer reformas duras, difíceis, com sacrifício da sociedade, das empresas e dos políticos.

As reformas precisam ser feitas agora de maneira definitiva para o Brasil. Reformas que possam colocar o Brasil em uma perspectiva de futuro de desenvolvimento, condizente com o tamanho do nosso país”, disse.

Sistema S

Robson Andrade também veio pedir o apoio de Renan contra medidas de ajuste que afetem o Sistema S. Composto por nove entidades, o sistema reúne o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), Serviço Social da Indústria (Sesi) e Serviço Social do Comércio (Sesc). O governo estuda reduzir as contribuições ao sistema com objetivo de aumentar a arrecadação em R\$ 6 bilhões.

"A proposta que foi ventilada vai trazer grandes sacrifícios para o Sanei e para o Sesi, provavelmente com o fechamento de escolas das Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste e com muitos alunos deixando de ter educação profissional que hoje lhes é oportunizada de maneira gratuita", disse.

Metalúrgicos protestam e param empresas em Sorocaba

23/09/2015 – Fonte: EM.com

Um protesto de metalúrgicos contra o ajuste fiscal da presidente Dilma Rousseff (PT) e por aumento de salários paralisou indústrias e afetou o trânsito, na manhã desta quarta-feira, 23, em Sorocaba.

A ação, organizada pelo Sindicato dos Metalúrgicos de Sorocaba e Região, reuniu três mil trabalhadores, segundo a Guarda Civil Municipal. Os ônibus que transportavam funcionários para o distrito industrial foram barrados por piquetes dos sindicalistas no Alto da Boa Vista, o principal acesso.

Os manifestantes ocuparam a frente da sede regional do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp), bloqueando parcialmente uma avenida. Os metalúrgicos reivindicam também a definição do reajuste da categoria, que vem sendo negociada pela Central Única dos Trabalhadores (CUT).

A data-base para o dissídio venceu no dia 1º de setembro. As propostas feitas até agora pela entidade patronal foram rejeitadas.

Número de empresas inadimplentes cresce 9,9% em agosto, mostra SPC Brasil

23/09/2015 – Fonte: EM.com

Aumentou em 9,9% em agosto o número de empresas inadimplentes em relação a agosto do ano passado, de acordo com o Serviço de Proteção de Crédito (SPC Brasil) e Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL).

Trata-se da maior variação anual deste indicador desde julho de 2013. Na leitura mensal, passagem de julho para agosto, o total de empresas com compromissos em atrasos cresceu 0,56%.

Houve também, segundo a SPC Brasil, aumento da quantidade de dívidas em atraso em nome de pessoas jurídicas, de 1,04% na variação mensal, e 10,49% em relação a agosto de 2014.

De acordo com o presidente da CNDL, Honório Pinheiro, a dificuldade dos empresários em manter os compromissos financeiros em dia é reflexo da atual conjuntura econômica em recessão, com baixo crescimento, quedas da produção industrial, e inflação e juros em patamares elevados.

"Com menor dinamismo da economia e maior restrição ao crédito, a capacidade de pagamento das empresas diminuiu", explica Pinheiro.

O maior crescimento no número de empresas inadimplentes foi registrado na Região Sudeste, onde a quantidade de devedores aumentou 17,32% em relação a agosto do ano passado; seguido pelo Nordeste, que teve uma alta de 13%, e pelo Norte, com 12,47%.

O Sudeste também é a região que concentra a maior parte das pessoas jurídicas inadimplentes (46,64%), seguido pelo Nordeste (19,96%) e pelo Sul (17,39%)

Câmbio e atividade têm influência direta sobre setor externo, diz BC

23/09/2015 – Fonte: EM.com

O chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Tulio Maciel, afirmou nesta terça-feira, 22, que as contas externas estão passando por período de ajuste em função do dólar mais alto frente o real e do baixo nível de atividade econômica do País. Segundo ele, as contas externas, apresentaram em agosto comportamento semelhante ao que tem sido visto desde o começo do ano, de redução de déficits.

"Taxa de câmbio e ritmo de atividade econômica têm influência direta sobre esses resultados e em função desse ajuste, estamos revisando nossa projeção de déficit para o ano", relatou.

Para setembro, a projeção do BC é de déficit em transações correntes de US\$ 3 bilhões. Maciel frisou, para mostrar a desaceleração, que em igual mês do ano passado havia sido de US\$ 8,4 bilhões. "Como temos visto a cada mês, esses déficits estão se reduzindo", afirmou.

Observou ainda que o aumento de Investimento Direto no País (IDP), de US\$ 5,246 bilhões, superou as expectativas. "O ingresso desses investimentos superou largamente nossa estimativa, que era de US\$ 3 bilhões. No entanto, não há uma razão especial para isso. É uma oscilação normal desse indicador", ponderou.

Dados parciais até 18 de setembro mostram ingresso líquido de US\$ 2,8 bilhões e, com isso, a projeção para o próximo mês é de entrada de US\$ 4 bilhões. Ele observou ainda que o ritmo de captações está menor em 2015. "As captações estão menos favoráveis que no ano passado", disse.

Balança

O chefe do Departamento Econômico do Banco Central afirmou que as importações têm recuado em ritmo mais forte que as exportações e que esse movimento tem permitido um saldo positivo na balança comercial. Segundo ele, as importações recuaram 22% em 2015 enquanto as exportações caíram 17%.

Maciel explicou ainda que, nas exportações, os preços caíram 21%, mas o volume cresceu 5,6%; nas importações, o volume caiu 11% e os preços 11,6%.

"Essa é uma tendência que temos observado desde o início do ano", disse. "As exportações atenuam os demais componentes de demanda sobre o PIB com contribuição positiva para a economia", explicou.

Remessas

Maciel afirmou que há uma tendência de despesas menores com remessa de lucros e dividendos. Observou que, na comparação entre agosto e igual mês do ano passado, houve recuo de 39%, passando de US\$ 19,2 bilhões em 2014 para US\$ 11,7 bilhões.

Segundo ele, esse recuo reflete uma desaceleração tanto nas remessas associadas ao IDP quanto no investimento em carteira. "O menor lucro das empresas e por esses valores serem auferidos em reais e convertidos em dólares reduz o volume de remessas", ponderou.

A parcial para a remessas de lucros e dividendos, até 18 de setembro, é de saída de US\$ 466 milhões. Para despesa de juros, a parcial está negativa em US\$ 436 milhões.

Viagens

O chefe do Departamento Econômico do Banco Central informou que, em setembro, até o dia 18, as despesas líquidas com viagens internacionais somam US\$ 571 milhões. "Viagens internacionais são o maior destaque da conta de serviços, numa reação expressiva em relação ao ano passado", avaliou. Segundo Maciel, essa conta é formada por receitas de US\$ 298 milhões e de despesas de US\$ 869 milhões no período.

Ele fez um exercício projetando esse comportamento até o dia 18, que conta com 13 dias úteis, para o restante do mês. Não apresentou o montante líquido, mas observou que se tratará de uma redução de 53% em relação a setembro do ano passado.

De janeiro a agosto, a retração dessa conta de viagens é de 27% na comparação com os mesmos oito meses de 2014. "Em agosto, esse recuo se mostrou ainda mais intenso, mais acentuado, de 55% nas despesas líquidas e, para setembro, temos manutenção desse recuo acentuado", disse.

"Tenho dito, claro, que essa é uma conta elástica à taxa de câmbio e que reage com maior rapidez e intensidade a câmbio. É o que temos observado também em relação à renda", continuou.

Questionado sobre se o impacto continuará grande por causa das promoções feitas por companhias aéreas para viagens, Maciel disse não acompanhar com tanto detalhe esse setor porque já viajava pouco para fora do País. "De forma geral, o brasileiro viajará menos para o exterior tendo em vista o encarecimento das passagens aéreas", previu.

Captações externas

O representante do Banco Central salientou que as condições de captação externa este ano estão menos favoráveis do que em 2014. "Há uma contração mais expressiva, mais nítida nos investimentos diretos no País e isso reflete nas condições de captação externa", avaliou.

Ele destacou que, de janeiro a agosto, o Investimento Direto no País passou de US\$ 65,433 bilhões no ano passado para US\$ 42,169 bilhões em 2015 e que a participação total no capital caiu, no mesmo período, de US\$ 37,413 bilhões para US\$ 29,112 bilhões.

Ainda em relação aos oito meses dos dois anos, Maciel destacou o saldo de US\$ 28,020 bilhões visto em 2014 contra US\$ 13,057 bilhões de 2015. As amortizações pagas no exterior, no entanto, subiram de US\$ 12,206 bilhões para US\$ 21,904 bilhões.

Já sobre os Investimentos Diretos no Exterior, salientou a redução de US\$ 21,857 bilhões para US\$ 13,039 bilhões da participação no capital total, enquanto as operações intercompanhias saíram de um saldo positivo de US\$ 712 milhões para um resultado negativo de US\$ 933 milhões. "Vemos uma moderação dos investimentos dos brasileiros no exterior", disse. "Há a continuidade de ampliação de capital no exterior, embora em um ritmo menor do que o observado em 2014", comparou.

Dólar alto deve afetar produção e investimentos, diz economista

23/09/2015 – Fonte: Folha de S. Paulo

Depois da crise política e fiscal, a principal preocupação do investidor estrangeiro em relação ao Brasil é a situação das empresas diante da forte desvalorização cambial e da piora no crédito. Essa é a percepção do economista Marco Maciel, que assumiu no início deste mês a posição de economista sênior da Bloomberg Intelligence para o Brasil. A

forma como o dólar acima de R\$ 4 vai impactar o dia a dia das companhias também é uma das reflexões do especialista.

Segundo ele, a maior preocupação não é com o impacto do efeito da alta do dólar sobre a dívida em moeda estrangeira das companhias, o que é inevitável. "Na crise de 2008, até por causa da alavancagem das empresas em derivativos, a demanda por dólar das empresas era da ordem de US\$ 70 bilhões a US\$ 80 bilhões. Hoje, dá pra dizer com certa tranquilidade que a demanda é menos da metade disso. Desse ponto de vista, eu me preocupo menos."

Para ele, a alta do câmbio deve afetar mais as decisões das empresas em relação à produção, no curto prazo, e de investimentos no longo prazo. "O custo financeiro vai subir", afirma.

A planilha de custos, por outro lado, deve ser beneficiada por um menor crescimento da remuneração paga aos trabalhadores. "Os salários reais vão evoluir abaixo da produtividade da economia brasileira", diz.

"Isso acaba sendo benéfico [porque pode resultar em melhora da competitividade]. Mas teria de ser benéfico o suficiente para tirar a economia brasileira de uma queda de 3% neste ano e de 1% no ano que vem. Haja crescimento de produtividade."

Para ele, o ganho de produtividade necessário para tirar o país da recessão depende de investimentos das empresas. "E eu acho que isso não vai acontecer até o primeiro semestre de 2016, considerando o cenário político conturbado atual."

CÂMBIO E JUROS

Para o economista, o dólar a R\$ 4 corresponde ao nível de risco da economia brasileira, medido pelo CDS (Credit Default Swap), uma espécie de seguro contra calote, cujo custo mais que dobrou desde o início deste ano.

Ele avalia que, enquanto o Brasil estiver nesse patamar, a demanda por dólares vai prevalecer, o que poderá levar o câmbio à máxima de R\$ 4,50 em 2016 para, depois, voltar aos R\$ 4. "Um câmbio a R\$ 3,80 não corresponde à realidade brasileira."

Disparada do risco - Credit Default Swap (CDS) do Brasil com prazo de cinco anos, em pontos

Apesar do aumento da pressão do câmbio sobre a inflação, Maciel não acredita que o Banco Central voltará a aumentar a taxa básica de juros, como o mercado de juros futuros vem apontando nos últimos dias.

Ele lembra que o objetivo do BC é levar a inflação ao centro da meta em 2017, e que os efeitos dessa alta do câmbio devem ser sentidos até o primeiro semestre de 2016. Ele acredita, contudo, que será necessário manter a Selic inalterada em 14,25% durante todo o ano que vem.

Problema da Volks pode se repetir em outras marcas

23/09/2015 – Fonte: Folha de S. Paulo

A Volkswagen tinha planos de consolidar-se como o maior grupo automotivo do planeta até 2018, superando a japonesa Toyota. A meta era factível, pois a empresa alemã havia fechado o 1º semestre de 2015 à frente. Agora, um escândalo muda tudo. Ao admitir que houve adulteração no software de carros a diesel vendidos nos EUA, a montadora colocou em risco sua credibilidade em um mercado que nunca a recebeu de braços abertos —é raro de algum VW figurar entre os 30 carros mais vendidos por lá.

O problema pode ser ainda maior: o grupo engloba 12 marcas mundo afora e existem outros países envolvidos. Mas, se eles se arriscaram tanto, o que garante que outras montadoras não cometeram erro semelhante?

As regras não foram feitas apenas para a Volks. Hoje, há um alinhamento dos departamentos de engenharia, que recorrem aos mesmos fornecedores globais. Logo, não é difícil imaginar que outras empresas correm o risco de serem flagradas em alguma irregularidade semelhante.

A evolução dos motores a diesel nas últimas duas décadas é notável, com grande redução nas emissões de poluentes e gás carbônico. O combustível também evoluiu, tornando-se menos agressivo ao ambiente.

Contudo, as melhorias têm um limite ou exigem investimentos tão complexos que uma nova solução torna-se premente. Daí vem o salto dado pelos motores a gasolina, que se modernizam com a adoção do turbo e de sistemas mais inteligentes de injeção, além da atuação em conjunto com propulsores elétricos.

Mas as exigências para homologação ficam cada vez mais severas, sem considerar crises ou aumento de custos —e é assim que deve ser.

Artigo: Dificuldades

23/09/2015 – Fonte: Folha de S. Paulo

Olhado com algum cuidado, o "novo" plano de ajustamento fiscal que promete gerar um superavit primário de 0,7% do PIB (0,55% da União e 0,15% dos entes federados), parece ser mais uma não-solução. Foi a insensatez de apresentar ao Congresso Nacional um orçamento com um deficit primário de R\$ 30,5 bilhões que levou a Standard & Poor's, surpresa, perplexa e arrependida por ter dado um voto de confiança ao ministro Joaquim Levy, a acelerar o seu passo: tomou-nos o grau de investimento, o que deteriorou dramaticamente, a imagem externa do país.

É claro que as agências de risco, como aliás, todos os críticos da política econômica só são oráculos confiáveis quando apoiam o governo. Caso contrário, não têm importância! Mas isso é irrelevante.

Graças ao "lobbyism", elas cavaram há algum tempo uma decisão administrativa nos EUA que proíbe suas aplicações em empresas que não tenham grau de investimento em pelo menos duas delas.

A presidente Dilma tem dado demonstrações que começa a introjetar a crise fiscal a que nos levou a política voluntarista e tumultuada de 2012-2014. Infelizmente, entretanto, os seus recentes movimentos não indicam um objetivo estratégico bem definido, conscientemente apoiado por ágeis movimentos táticos.

O mínimo que se pode dizer do "novo" projeto de "ajuste", enviado com o Orçamento para 2016, é que eles negam a disposição de um olhar de longo prazo para enfrentar os gravíssimos problemas em que estamos metidos.

No tumulto de sua apresentação, deu-se a impressão que o exigido sacrifício do Executivo seria atendido com um "corte" de R\$ 24,7 bilhões, somado a um aumento de receita de R\$ 40,2 bilhões, para cobrir o deficit de R\$ 30,5 bilhões somado ao superavit primário de R\$ 34,4 bilhões (64,9): para cada real "cortado na carne" o Executivo pedia à sociedade R\$ 1,6 de imposto. Mas a realidade é bem outra.

O "corte", se acontecer (tem contra o "sindicato" dos funcionários públicos: o PT) será de apenas R\$ 12,5 bilhões (19% do total do ajuste).

O aumento de impostos será de R\$ 35,7 bilhões (55% do ajuste). A diferença, R\$ 16,7 bilhões (26% do ajuste), é mera transferência de recursos de fontes cuja produtividade, na origem, seria, certamente, maior do que na nova aplicação. No final, pede-se, para cada "imaginado" corte de um real, uma receita "real" de R\$ 4! Ele é, paradoxalmente, inflacionário e recessivo.

Pela estupefação da sociedade e do Congresso, a probabilidade de seu sucesso parece muito pequena.

Talvez tenhamos perdido mais uma oportunidade para começar a corrigir a tragédia fiscal que nos devora.

(Antônio Delfim Netto -Ex-ministro da Fazenda (governos Costa e Silva e Médici), é economista e ex-deputado federal).